

DIALOGO

U N I V E R S I T Á R I O

E s p a n h o l • F r a n c ê s • I n g l ê s • P o r t u g u ê s



O Design Inteligente e seus críticos

**Amor ou paixão cega?
Como diferenciá-los**

**O arco-íris está em sua
cabeça**

**Os críticos da Bíblia e a
arqueologia**

O Código da Vinci

2

Volume 18

REPRESENTANTES REGIONAIS

DIVISÃO AFRICANA OCIDENTAL

22 Boite Postale 1764, Abidjan 22, COSTA DO MARFIM
Chiemela Ikonne 110525.1700@compuserve.com
Emmanuel Nlo Nlo 104474.235@compuserve.com

DIVISÃO AFRICANA ORIENTAL

P.O. Box 14756, 00800-Westlands, Nairobi, QUÊNIA
Hudson E. Kibuuka kibuukah@ecd.adventist.org
Mulumba Tschimanga bresilien54@yahoo.com

DIVISÃO AFRICANA MERIDIONAL- OCEANO ÍNDICO

P.O. Box H.G., 100 Highlands, Harare, ZIMBÁBUE
Ellah Kamwendo kamwendoe@sid.adventist.org
Eugene Fransch fransche@sid.adventist.org

DIVISÃO ÁSIA-PACÍFICO NORTE

P.O. Box 43, Koyang Ilsan 411-600, COREIA
Chek Yat Phoon cyphoon@nsdadventist.org
Joshua Shin joshuashin@nsdadventist.org

DIVISÃO ÁSIA-PACÍFICO SUL

P.O. Box 040, 4118 Silang, Cavite, FILIPINAS
Stephen Guptill sguptill@ssd.org
Jobbie Yabut jyabut@ssd.org

DIVISÃO PACÍFICO SUL

Locked Bag 2014, Wahroonga, N.S.W. 2076,
AUSTRÁLIA
Barry Hill bhill@adventist.org.au
Gilbert Cangy grcangy@adventist.org.au

DIVISÃO EURO-AFRICANA

Schosshaldenstrasse 17, 3006 Berna, SUÍÇA
Roberto Badenas roberto.badenas@euroafrica.org
Corrado Cozzi corrado.cozzi@euroafrica.org

DIVISÃO EURO-ASIÁTICA

Krasnoyarskaya Street 3, 107589 Moscou, FED. RUSSA
Guillermo Biaggi gebiaggi@esd-sda.ru
Peter Sirotkin psirotkin@ead-sad.ru

DIVISÃO INTERAMERICANA

P.O. Box 830518, Miami, FL 33283-0518, EUA
Moisés Velázquez velazquezmo@interamerica.org
Bernardo Rodríguez bernardo@interamerica.org

DIVISÃO NORTE-AMERICANA

12501 Old Columbia Pike,
Silver Spring, MD 20904-6600, EUA
Gerald Kovalski gerald.kovalski@nad.adventist.org
James Black james.black@nad.adventist.org
Martin Feldbush martin.feldbush@nad.adventist.org

DIVISÃO SUL-AMERICANA

Caixa Postal 02600, Brasília, 70279-970 DF, BRASIL
Carlos Mesa carlos.mesa@dsa.org.br
Erton Köhler erton.kohler@dsa.org.br

DIVISÃO SUL-ASIÁTICA

P.O. Box 2, HCF Hosur, 635 110 Tamil Nadu, ÍNDIA
Nageshwara Rao nageshwarao@sud-adventist.org
Lionel Lyngdoh lyngdoh@sud-adventist.org

DIVISÃO TRANSEUROPEIA

119 St. Peter's St. St. Albans, Herts, AL13EY,
INGLATERRA
Daniel Duda dduda@ted-adventist.org
Paul Tompkins ptompkins@ted-adventist.org

CONTEÚDO

ARTIGOS

5 O Design Inteligente e seus críticos

O debate que envolve o Design Inteligente (DI) é ideológico, e nele os evolucionistas estão procurando manter a predominância da cosmovisão ateísta.

John C. Walton

8 Amor ou paixão cega? Como diferenciá-los

A paixão cega deseja acelerar o relacionamento. O amor verdadeiro sobrevive ao teste do tempo, proporcionando a você a certeza de estar preparado para o casamento.

Nancy Van Pelt

11 O arco-íris está em sua cabeça

Cores, sons e aromas são percebidos e interpretados por um mecanismo cerebral admiravelmente projetado.

Leonard Brand e Ernest Schwab

14 Os críticos pós-modernos da Bíblia e a arqueologia atual

Diante dos desafios do pós-modernismo, eruditos e historiadores bíblicos estão se voltando mais e mais para a arqueologia como a fonte primária de informação sobre a história bíblica.

Michael Hasel

DEPARTAMENTOS

EDITORIAL

3 Uma carta lida por todos
Julieta Rasi

TRANSIÇÃO

4 Adeus e boas-vindas

FÓRUM ABERTO

17 Os cristãos e as eleições
políticas
Hugo A. Cotro

PERFIS

18 Rafael Falcó Güell
Roberto Badenas

20 Michelle Chin
Jane Sabes

LOGOS

22 Como temer a Deus sem ter
medo
Ervin K. Thomsen

PONTO DE VISTA

24 O Código da Vinci: fato ou
ficção?
Maxine Bingham e Ron Bingham

LIVROS

26 *Daniel: A Reader's Guide*
(William H. Shea)
Humberto R. Treiyer

26 *Evidences for Creation*
(George Javor)
Raúl Esperante

27 *Origin by Design*
(Harold G. Coffin, Robert H.
Brown e R. James Gibson)
Henry Zuill

PARA SUA INFORMAÇÃO

30 Filosofia adventista da música

VIDA UNIVERSITÁRIA

32 Como abordar uma testemunha
de Jeová
Daniel Belvedere

PRIMEIRA PESSOA

34 Milagres acontecem através das
orações
Caroline V. Katemba Tobing

INSERÇÃO

Portfólio de Rafael Falcó Güell

EDITORIAL

Uma carta lida por todos

Há algumas décadas, certos sociólogos predisseram que a religião, pelo menos no mundo ocidental, estava à beira da extinção. Afirmaram que ela desapareceria em virtude da ampla evolução da educação e dos avanços científicos. É evidente que, apesar dos ostensivos escândalos que reduziu o número de membros das principais igrejas cristãs, essas não desapareceram. Aliás, os fortes e ativos fluxos migratórios do mundo moderno trouxeram para o ocidente muitos seguidores do Islã, do budismo e do hinduísmo que, a seu turno, fizeram novos adeptos. Embora se tenham feito muitas previsões terríveis, várias e novas expressões espirituais surgiram e prosperaram. O fato é que o Deus Criador nos projetou para sermos espirituais. Apesar de confusos e extraviados, a maioria de nós busca conectar-se ao Divino.

A procura religiosa e o reavivamento espiritual estão vivos e muito bem nos campi universitários. Uma recente pesquisa, realizada nos Estados Unidos com 100.000 estudantes universitários de primeiro ano, demonstrou que 48% pensam ser “essencial” ou “muito importante” que as instituições educacionais estimulem expressões pessoais de espiritualidade. A Universidade de Stanford gastou quase três milhões de dólares reformando um grande salão para as reuniões religiosas, onde os cristãos poderão trazer suas próprias instrumentalidades rituais - os muçulmanos com seus tapetes de oração, os hindus com seus relicários e assim por diante. Com o propósito de promover o diálogo entre as diferentes religiões, a Universidade Johns Hopkins comprou e reformou uma antiga Igreja Metodista, onde serão realizados os cultos de adoração.

A figura de um caleidoscópio nos traz à mente a diversidade de crenças e idéias características do mundo em que o apóstolo Paulo pregou, e onde viveram os primeiros cristãos. Como você, um adventista do sétimo dia, se relaciona com essa realidade? Face a tal pluralidade, você ficará calado, arredio, ou deixará de lado sua amizade com Jesus Cristo e o compromisso com a Bíblia? Em vez disso, permita-me encorajá-lo(a):

Procure conhecer aquilo em que acredita. Penetre mais profundamente na própria fé, estude a Bíblia por conta própria e com um grupo de amigos adventistas. Leia e medite acerca das crenças básicas do adventismo. Dedique tempo, em meio ao seu ocupado horário, para comungar com Deus, tanto em contínua conversação, como através de leitura devocional e da oração. Seu espírito será refrigerado e a fé nutrida para o enfrentamento diário dos desafios.

Procure viver aquilo em que acredita. Quer perceba ou não, seus amigos, professores e muitos outros são perspicazes observadores de seu comportamento. Que convicções e valores suas palavras, prioridades e estilo de vida lhes comunicam? A sociedade moderna respeita a integridade e a transparência. Vêem os outros uma coerência entre o cristianismo que você professa e suas ações? Se você porventura falhou, peça a Deus que o perdoe e conceda forças para representá-Lo onde quer que esteja.

Compartilhe aquilo em que você acredita. Em Seu grande plano, Deus o trouxe a uma universidade, não só para a obtenção de um grau acadêmico e preparo profissional, mas também para ser um destacado embaixador de Jesus Cristo. Lembre-se de que você pode ser o único capaz de alcançar um colega estudante ou um professor, com a verdade da salvação em Cristo.

Como Paulo disse de maneira memorável: “Vocês são a carta de Cristo..., escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo..., conhecida e lida por todo o mundo.” (II Coríntios 3:3,2). O que seus amigos e professores lêem em você?

Nos últimos quinze anos, tive o prazer de servir como gerente editorial da *Diálogo*. Agora chegou o tempo de passar o bastão. Ao mesmo tempo em que digo adeus, peço ao Senhor para abençoá-lo(a) em seus estudos, profissão e missão na vida. Até nos encontrarmos outra vez!



Julieta Rasi

Esta revista internacional de fé, pensamento e ação é publicada três vezes por ano em quatro edições paralelas (espanhol, francês, inglês e português) sob o patrocínio da Comissão de Apoio a Universitários e Profissionais Adventistas (CAUPA), organismo da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

Volume 18, Número 2.

Copyright © 2006, pela CAUPA.
Todos os direitos reservados.

Diálogo afirma as crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia e apóia sua missão. Os pontos de vista publicados na revista, entretanto, representam o pensamento independente dos autores.

Equipe Editorial

Editor Chefe: Humberto M. Rasi

Editor: John M. Fowler

Editor Associado: Martin Feldbush

Assistente Editorial: Susana Schulz

Secretária Editorial: Esther Rodríguez

Edições Internacionais: Susana Schulz

Revisores Internacionais:

Corinne Egasse (Francês)

César Luis Paganí (Português)

Susana Schulz (Espanhol)

Correspondência Editorial

Diálogo

12501 Old Columbia Pike;

Silver Spring, MD 20904-6600; EUA

Telefone: (301) 680-5060

Fax: (301) 622-9627

E-mail: schulzs@gc.adventist.org

Comissão (CAUPA)

Presidente: Ella S. Simmons

Vice-presidentes: C. Garland Dulan, Martin

Feldbush, Baraka G. Muganda

Secretário: Humberto M. Rasi

Membros: Rex Edwards, John M. Fowler, Jonathan

Gallagher, Clifford Goldstein, Linda Koh, Bettina

Krause, Kathleen Kuntaraf, Kermit Netteburg,

Vernon B. Parmenter, Gerhard Pfandl, Roy Ryan,

Gary B. Swanson.

Correspondência sobre circulação:

Deve ser dirigida ao representante regional da CAUPA na região em que reside o leitor. Os nomes e endereços destes representantes encontram-se na p. 2.

Assinaturas: US\$13,00 por ano (três números, via aérea). Ver cupom na p.19 para detalhes.

Website: <http://dialogue.adventist.org>.

DIÁLOGO tem recebido correspondência de leitores de 117 países ao redor do mundo.

TRANSIÇÃO

Adeus e boas-vindas

A publicação de uma revista internacional como *Diálogo* exige o envolvimento e a cooperação de muitas pessoas, a maioria delas não conhecida dos leitores. Os autores, naturalmente, desempenham um papel visível e importante em nosso ministério. No entanto, uma das principais responsabilidades desta revista é assumida pela pessoa que coordena e supervisiona o fluxo de matérias e ilustrações entre os profissionais empenhados em sua produção e distribuição, assegurando exatidão e pontualidade. Entre eles estão editores, redatores, tradutores, *designers*, revisores, impressores, contadores, representantes regionais, e muitos outros mais.

Por 15 anos, Julieta Rasi executou essa importante tarefa, usando sua vasta experiência editorial, capacidade de organização e boa-vontade. Depois de supervisionar a produção das edições 3.2 até 18.1, e a distribuição de mais de um milhão de exemplares da *Diálogo*, Julieta decidiu transferir suas responsabilidades a uma jovem diretora editorial, e dedicar mais tempo a seus netos, à jardinagem, leitura e viagens.

A Prof. Susana Schulz assumiu essa posição-chave começando com a presente edição. Ela viveu, estudou e trabalhou em países como Argentina, França, Brasil e Estados Unidos. Isso lhe proporcionou uma perspectiva internacional, um entendimento profundo das questões enfrentadas pelos estudantes universitários adventistas ao redor do mundo, assim como fluência em inglês, francês, português e espanhol, as quatro línguas em que nossa revista é publicada. Antes de se unir à nossa equipe editorial, Susana Schulz foi professora e diretora do programa para estudantes estrangeiros na Universidade Adventista del Plata (Argentina).

Desejamos à Prof. Susana muito êxito e satisfação em sua nova responsabilidade e, à Julieta Rasi, o reconhecimento de um trabalho bem feito e o prazer de uma merecida mudança de ritmo.



Julieta Rasi e Susana Schulz

Os Editores



Loma Linda University

FILOSOFIA DA CIÊNCIA E DAS ORIGENS

BIOLOGIA ou GEOLOGIA 475 4 unidades trimestrais.

25 de setembro - 15 de dezembro de 2006

Curso ministrado pelo Dr. Leonard Brand

Professor de Biologia e Paleontologia.

Este curso, baseado na tecnologia da *Web*, é uma introdução ao processo científico e uma aplicação desse conhecimento voltado à compreensão dos conceitos da criação, evolução e história da Terra, dentro da estrutura bíblica. O objetivo das aulas é preparar os estudantes para avaliarem as questões desse tópico e estimular sua fé nas Escrituras, enquanto compreendem e apreciam as positivas contribuições feitas pela ciência.

O custo de instrução cobre quatro unidades de aulas, mais o livro de texto *Fé, Razão e História da Terra*, de Leonard Brand. Estão disponíveis bolsas de estudos para a cobertura quase total do estipêndio da LLU. Para informações complementares sobre o curso e as bolsas de estudo oferecidas, entre em contato com o Dr. Brand através do e-mail lbrand@llu.edu

O Design Inteligente e seus críticos

John C. Walton

O debate que envolve o Design Inteligente (DI) é ideológico, e nele os evolucionistas estão procurando manter a predominância da cosmovisão ateaísta.

As consecuições novas e ousadas, que resultaram de projetos inteligentemente concebidos, talvez constituam a mais notável característica de nossa época. Moléculas e matéria entrelaçam-se em projetos mais elaborados e originais já concebidos. Linhas de produção robotizadas são projetadas para a produção em série de veículos, de maneira eficiente e rápida. As viagens espaciais iniciaram-se com o projeto de impressionantes astronaves lançadas ao espaço para a exploração do Sistema Solar. Medicamentos, anestésicos e sofisticados instrumentos de diagnose, planejados com inteligência, alteraram profundamente a medicina. Mas talvez o mais impressionante de todos os projetos concebidos tenha sido o sofisticado *chip* de silício que impulsionou a rede de informação global.

Não deixa de ser irônico, entretanto, que embora as tecnologias desenvolvidas inteligentemente estejam realizando maravilhas ao nosso redor, muitas pessoas, seguindo as idéias de biólogos evolucionistas, estejam convencidas de que não houve projeto ou design inteligente na origem das complexas estruturas existentes no mundo físico e biológico. Embora as células sejam usualmente chamadas de fábricas miniaturizadas, é dito que seu surgimento não se deve a um propósito ou design. O DNA é universalmente referido como um código, com seu maquinismo de translação molecular, mas aparentemente nenhum decifrador de códigos foi necessário. O cérebro é habitualmente descrito como um computador, mas se supõe que nenhum programador ou engenheiro foi necessário em seu desenvolvimento.

Certamente a sucessão rápida de mudanças materiais fez com que a socie-

dade se acostumasse a conviver com eventos inexplicáveis e não intuitivos. Lewis Carroll resumiu de maneira feliz a natureza especular da vida moderna: “Antes de tomar meu desjejum, já acreditei pelo menos em seis coisas contraditórias.”¹ Todavia, a estranheza da divergência filosófica entre tecnologia e biologia evolucionária fortuita tem causado mal-estar às cabeças pensantes.

Design Inteligente: o olvidado fantasma da ópera cósmica?

Desafios à evolução têm repetidamente entrado em cena e foram ressaltados distintamente no início da década de 1990 por Phillip Johnson, professor de Direito na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Seu incisivo reexame das origens resultou numa tese bastante convincente, de que a ampla diversidade da evolução darwinista não tem apoio nas persuasivas evidências da paleontologia, nem nos dados empíricos da biologia.² O ponto crucial ressaltado por Johnson foi de que o edifício darwinista fundamenta-se principalmente na hipótese materialista do naturalismo filosófico.³ Os cientistas evolucionistas insistem em que somente o acaso e as leis da natureza podem ser admitidos como instrumentos explicativos e aceitáveis. Qualquer interpretação que se afaste dessa estreita arena é por eles rejeitada automaticamente como anti-ciência, ou taxada de superstição.

O desafio intensificou-se com a publicação do livro “A Caixa Preta de Darwin”, do bioquímico Michael Behe, da Universidade Lehigh.⁴ Biosistemas como a cadeia de reações químicas da visão, os cílios celulares e os flagelos bacterianos, exigem muitos elos complexos e operação coordenada em nível molecular. Behe demonstrou que “máquinas moleculares” como essas são “irredutivelmente complexas”. Ele vasculhou também a literatura em busca de cenários evolutivos graduais para explicar suas origens, porém os que encontrou foram poucos e totalmente inadequados. Então argumentou que, de fato, as máquinas biológicas constituem-se em evidências

de design inteligente na biologia.

Seria possível decidir se algo foi realmente projetado ou se somente aparenta ter sido? O matemático e filósofo William Dembski destacou que a detecção da existência de um design constitui uma atividade científica bem caracterizada em campos como a ciência forense, a arqueologia e a criptografia. Os métodos utilizados, com evidente sucesso, para distinguir entre a atividade criminal e a acidental, para diferenciar entre artefatos e objetos naturais, e para decodificar mensagens, também deveriam ser aplicáveis às estruturas biológicas e aos eventos naturais.

O critério objetivo de Dembski para identificar a presença do design, fazendo distinção entre ele e os efeitos de causas naturais, foi denominado “complexidade especificada”.⁵ Quando aplicado a certos fenômenos biológicos complexos, o critério se harmoniza muito bem com a conclusão de Behe, de que sua origem implica num design inteligente.⁶

O movimento do DI que se originou dessas considerações está despertando interesse ao redor do mundo. Informações e idéias sobre o DI estão sendo disseminadas pelo Centro de Ciência e Cultura do *Discovery Institute*.⁷ A intensa cobertura dos meios de comunicação sobre um recente episódio judicial na Pensilvânia, e a exibição, em horário nobre, de um documentário sobre o DI na BBC britânica, levou a questão ao conhecimento público.⁸

A crítica destrutiva do Design Inteligente

Como era de se prever, os cientistas ligados a campos evolucionistas têm-se oposto tenazmente ao DI. A antiga corrente materialista opõe-se ao DI por todos os meios que sua posição de destaque lhe permite. Por exemplo, o professor de Química da Universidade de Oxford, Peter Atkins, execrou o livro de Behe numa revisão bibliográfica,⁹ e um artigo publicado pelos evolucionistas Richard Dawkins e Jerry Coyne¹⁰ no jornal *Guardian* atacou o DI pela raiz com uma retórica de serra motorizada.

A crítica destrutiva não é comum entre os cientistas de peso, o que revela a forte motivação ideológica desses autores. Muitos evolucionistas são membros militantes de organizações ateístas ou humanistas. Por exemplo, a ligação emocional de Dawkins com o ateísmo mostrou-se proeminente na exibição da sua recente série televisiva, em duas partes, na qual mostrou a religião como a “raiz de todos os males”.

Seria o Design Inteligente uma conspiração religiosa?

No entanto, algumas críticas coerentes do DI também surgiram paralelamente. Algumas delas foram citadas por Dawkins e Coyne num artigo publicado em *Guardian*. “Não há nada de novo sobre o DI. Ele é simplesmente o criacionismo camuflado sob novo nome.” Outros aduzem que o DI é uma espécie de “conspiração religiosa”. Os defensores do DI o encaram como um programa de pesquisa científica que investiga os efeitos de causas inteligentes. Para Dembski o propósito do DI é “resgatar o design como modelo de explicação científica”. Meyer escreveu: “A pergunta que deve ser feita sobre a origem da vida não é ‘qual o cenário materialista que mais parece adequado?’, mas ‘o que realmente fez com que surgisse a vida na Terra?’”¹¹ O critério da complexidade especificado para a detecção do design não apela para livros sagrados e independe de qualquer autoridade religiosa. As conotações religiosas são inevitáveis em qualquer empreendimento que se relacione às origens. A cada suspeita de relação entre o DI e qualquer comprometimento religioso, contrapõe-se igual suspeita de comprometimento ateuista dos cenários evolutivos. Relatos evolucionistas das origens, impossíveis de serem testados, imersos nas brumas do período pré-cambriano, são meramente tentativas de respostas a um desejo humanista. Quem está em busca da verdade deveria ignorar qualquer comprometimento, e avaliar cuidadosamente os méritos das evidências apontadas por ambos os lados.

Logo no início de seu artigo, Dawkins e Coyne afirmam: “Então, por que estamos tão certos de que o DI não é uma verdadeira teoria científica, que merecesse tratamento igualitário? Não seria essa apenas nossa opinião pessoal? Não, ela é uma posição compartilhada pela imensa maioria dos biólogos profissionais. Se o DI fosse realmente uma teoria científica, as evidências a seu favor, obtidas através de pesquisas, estariam sendo divulgadas por revistas científicas submetidas a revisões críticas pelos pares, e isso não acontece. E não é porque os editores se recusam a publicar pesquisas sobre o DI.” Como já mencionado, para os naturalistas materialistas a “verdadeira ciência” só admite como válidos o acaso e a necessidade. Dawkins e seus pares evolucionistas automaticamente rejeitam o DI com base nessa filosofia, e consideram perda de tempo examinar as evidências. Muitos biólogos profissionais trabalham em instituições especificamente intituladas de “Biologia Evolutiva” ou algo congêneres. O financiamento para pesquisas, os insumos, as carreiras, a reputação profissional de todos esses cientistas, dependem de sua adesão à ortodoxia evolucionista. Para eles, nessas circunstâncias, não há opção para a objetividade nas questões fundamentais relacionadas às origens. A opinião científica majoritária é um parâmetro radicalmente insatisfatório para a apreciação da validade do DI.

Não é surpresa que pesquisas sobre DI não sejam divulgadas pelas grandes revistas científicas. Contrariamente às afirmações de Dawkins e Coyne, os editores rotineiramente se recusam a publicá-las. Quando o Dr. Richard Sternberg, editor dos *Proceedings of the Biological Society of Washington*, publicou um simples artigo de Stephen Meyer abordando a questão do DI, imediatamente sofreu uma campanha de ridicularização e intimidação nos bastidores. “Disseram que aceitei dinheiro às escondidas, que eu era um cripto-sacerdote, que era chefe de uma célula clandestina favorável aos criacionistas”, declarou Sternberg. Ele foi aconselhado a não participar da reunião

de uma sociedade biológica, porque os ânimos estavam tão exaltados que não se poderia garantir a ordem. Uma entidade independente, o *U.S. Office of Special Counsel*, examinou o envio de *e-mails* pela *Smithsonian Institution*, onde Sternberg tinha auxílio para pesquisas, e verificou que “a retaliação sobreveio de várias maneiras. A informação incorreta foi divulgada através da *Smithsonian* e por fontes externas. As alegações contrárias posteriormente foram declaradas falsas”.¹² Editores e revisores estão bem cientes da intimidação e discriminação que enfrentarão, assim não é de surpreender que se constrandam e não publiquem artigos favoráveis ao DI.

Dentre todos os opositores, é irônico que Dawkins denigre o DI porque “ele advoga o abandono dos processos científicos normais, apelando diretamente ao público não-científico...”, porquanto esse é o método que ele mesmo adota! A principal contribuição de Dawkins para a ciência é a série de livros destinados ao público em geral, divulgando a sua marca registrada do “relojeiro cego”. De fato, Dawkins está seguindo uma longa linha de evolucionistas, que inclui Charles Darwin, Thomas Huxley e Stephen Gould, todos eles apelando diretamente para um público não-científico, através de livros e artigos de divulgação. A crença de Dawkins e Coyne, de que é justo que os evolucionistas apelem diretamente ao público, mas que isso é errado para os que não concordam com eles, é profundamente reveladora da sua abordagem ultrapartidária!

Receio de que o Design Inteligente destrua a ciência

De acordo com Dawkins e Coyne, os cientistas do DI fazem exigências irrazoáveis para as evidências: “Um dos lados (Evolução) é obrigado a produzir evidências, a cada etapa. Do outro lado (Criação) nunca se exige um pingote de evidências, mas supõe-se que automaticamente elas são obtidas no momento em que o primeiro lado enfrenta uma dificuldade do tipo que todas as ciências encontram diariamente e partem para

resolvê-la com prazer.” Há mais de um século os cientistas têm prometido que a ciência laboratorial logo encontraria respostas convincentes para os enigmas-chave evolutivos, como, por exemplo, o mecanismo quantitativo da alteração evolutiva; como se originou a vida; como surgiram o código genético e as novas informações genéticas; como puderam ser originados estereoisômeros de peptídeos; como se originaram órgãos biológicos complexos como olhos, cílios, flagelos, etc.; como novas espécies biológicas se desenvolveram a partir de formas ancestrais; e por que o registro fóssil não apresenta as “inumeráveis formas de transição” que Darwin esperava. Os cientistas adeptos do DI não denigrem o enorme progresso que os biólogos fizeram na compreensão de como surgiram as pequenas alterações, ou de como foram produzidas novas variedades de animais e plantas - isto é, a microevolução em geral. Os evolucionistas afirmam que os grandes passos na direção de estruturas realmente novas (macroevolução) são exatamente os acúmulos de passos menores. É muito significativo, portanto, que mesmo decorrido todo esse tempo, ainda estejam completamente ausentes quaisquer evidências verificáveis em laboratório; que o registro fóssil apresente enormes problemas e que somente “cenários” fantasiosos sejam apresentados. O que os cientistas partidários do DI estão destacando é que chegou o momento de examinar as explicações alternativas nas quais o design seja considerado paralelo às causas naturais. A satisfação com que os cientistas trabalham na solução dos problemas relativos às origens poderia ser prazerosamente enaltecida com a adição do critério do DI ao seu arsenal de ferramentas científicas.

Os críticos freqüentemente expressam seu desconforto quanto ao fato de a ciência do DI precisar envolver um contínuo apelo a milagres, temendo que isso dificulte e destrua o verdadeiro espírito inquiridor da ciência. A experiência do passado mostra que isso não precisa causar qualquer preocupação. A vasta maio-

ria da ciência continuaria exatamente como hoje. Na pesquisa sobre a origem de organelas biológicas complexas (e outros sistemas complexos do Universo), o filtro da complexidade especificada seria usado, juntamente com as atuais ferramentas científicas, na tarefa global de compreender os seres vivos, inclusive os humanos. Longe de dificultar a inquirição científica, a existência de um design ou propósito no Universo levanta a expectativa de que os fenômenos são compreensíveis e racionais. Se algum “Projetista o fez” ou mesmo se “Deus fez”, isso implica que a inteligência humana o pode compreender e usufruir.

A existência de design na natureza não implica que os milagres ocorram continuamente, no sentido de intervenções arbitrárias que transgridam as leis naturais. O projeto de uma máquina complexa elaborado pela inteligência humana, por exemplo, invoca o ordenamento especial da matéria, e introduz uma quantidade específica de informação que resulta numa disposição cuja probabilidade, de outra maneira, seria extremamente baixa.¹⁵ Os designs na natureza podem ser compreendidos da mesma forma que os eventos nas organizações. As convicções religiosas e crença num Projetista não inibiram os cientistas de primeira linha no passado, tais como Isaac Newton, Louis Pasteur ou James Clerk Maxwell, e não impedem os feitos de muitos cientistas atuais crentes em Deus. Pelo contrário, a fé reforça a idéia de que os fenômenos naturais são inteligentes e catalisa projetos para pô-los em uso.

Seria o Design Inteligente desnecessário e refutável?

Os críticos têm defendido que não há necessidade do DI na ciência, porque, como disse Dawkins em recente comentário na televisão: “A evolução explica 99% daquilo que conhecemos sobre biologia.”¹⁴ Verifique em quase todos os livros didáticos sobre ciências da vida quão exagerada é essa opinião, particularmente na parte mais avançada da biologia, onde são discutidas as explicações

quantitativas. Peter Atkins publicou recentemente o livro didático *Physical Chemistry for the Life Science*.¹⁵ Nele são apresentadas expressões teóricas das leis e princípios que jazem na base da biologia científica. De fato, o livro não contém uma referência sequer à evolução, em eloqüente testemunho do real, em vez de ideológico.

Mais especificamente, Dawkins e Coyne nos garantem: “De fato, o flagelo bacteriano certamente não é muito complexo para ter evoluído, como também qualquer outra estrutura viva que até agora foi cuidadosamente estudada. Os biólogos localizaram séries plausíveis de intermediários, utilizando ingredientes que se encontram algures em sistemas vivos”, entretanto isso é em grande parte apenas desejo imaginário.¹⁶ Quando é preciso explicar a origem do flagelo bacteriano e das organelas biológicas ricas em informação e semelhantermente complexas, a engenhosidade evolucionária pouco tem a oferecer. Realmente, algumas “séries plausíveis de intermediários” podem ser “localizadas” em cenários imaginários, experimentais. A imaginação científica não conhece limites! Entretanto, é notável o amplo quadro dessa área da evolução, devido à escassez de idéias e ao seu caráter desprovido de substância.

O anúncio de Kenneth Miller sobre o “colapso da complexidade irreduzível”¹⁷ provou-se um ardil, embora esse conceito confortável tivesse sido amplamente disseminado pelos biólogos evolucionistas. A discussão foi que, embora o flagelo, por exemplo, fosse admitidamente inacessível por via darwinista direta, suas proteínas poderiam ter sido preservadas pela seleção natural em sistemas menores desempenhando outras funções. Esse cenário implicava, portanto, que essas proteínas específicas (ou bastante similares) seriam encontradas pontilhando em torno de outros sistemas bioquímicos acessíveis às bactérias. A caracterização da proteína é efetuada em larga escala e, conseqüentemente, se esse cenário fosse

Continua na p. 28

Amor ou paixão cega? Como diferenciá-los

Nancy Van Pelt

A paixão cega deseja acelerar o relacionamento. O amor verdadeiro sobrevive ao teste do tempo, proporcionando a você a certeza de estar preparado para o casamento.

“Como posso saber se estou realmente amando?”, perguntou um leitor ao colunista de um jornal. E a resposta foi: “Se precisa perguntar, então não está amando.” A inadequação da resposta é aterradora, ainda assim muitos continuam pensando que quando o amor os acertar, ele será percebido! Na verdade, a coisa não é bem assim.

Estudos mostram que a maioria das pessoas tende a considerar os relacionamentos passados como paixões e o atual como amor verdadeiro. Outra pesquisa descobriu que a média das experiências de pessoas que vivem paixões é de seis a sete vezes, ao passo que as do amor verdadeiro é de uma a duas vezes. Você pode ter vivenciado muitos romances, mas o ponto é: Como pode afirmar se seu amor é verdadeiro ou apenas uma paixão efêmera?

Amor e paixão possuem sintomas similares

Amor e paixão possuem algo em comum - sentimentos fortes de afeição por alguém - o que complica a questão de perceber as diferenças, porquanto muitos dos sintomas se sobrepõem uns aos outros. A maioria das paixões arrebatadas e cegas pode conter uma porção de amor verdadeiro e o amor verdadeiro pode incluir muitos dos sintomas encontrados na paixão. Então, as diferenças entre amor e paixão são freqüentemente verificadas em grau, mais do que em definição. Portanto, devem-se examinar todas as evidências com extrema cautela.

Amor e paixão compartilham três sintomas: atração sexual, desejo de estar próximo e emoções fortes.

Atração sexual. A atração sexual pode estar presente sem o amor verdadeiro. É inteiramente possível, particularmente para o homem, ter um forte desejo sexual por uma mulher que ele antes não conhecia. Abraçar e acariciar aumenta a urgência dos sentimentos eróticos até que o sexo domine a relação. A paixão, por si só, não é indicação de amor verdadeiro. A atração sexual pode ser tão importante na paixão quanto no amor verdadeiro, e às vezes pode ser até dominante. O amor deve estar baseado em mais do que atração sexual ou paixão cega.

Além disso, ninguém pode manter uma paixão por muito tempo e com tamanha intensidade, mesmo que jurem fazê-lo. Se todos os casais vão à procura de paixão, o relacionamento possivelmente terminará em poucos meses. Se um casal pretende chegar ao matrimônio baseando-se no ímpeto inicial da atração sexual, aprenderá que quando a paixão acabar, nada haverá que os mantenha unidos.

Desejo de proximidade. O desejo de proximidade pode tornar-se imprescindível tanto na paixão como no amor verdadeiro. Você pode desejar estar junto à pessoa amada o tempo todo, temendo o momento em que se apartará dela. Você pode sentir-se vazio e sozinho quando seu(sua) amado(a) não está com você, mas isso não é necessariamente uma indicação de amor verdadeiro. O desejo de estar próximo pode ser tão forte na paixão quanto no amor verdadeiro.

Emoções fortes. As pesquisas confirmam que experimentamos diferentes sintomas físicos no princípio da paixão. Sensações como caminhar nas nuvens quando tudo vai bem e sentir-se doente quando tudo vai mal; arrepios subindo e descendo pela coluna vertebral, incapacidade de concentração, dores no estômago ou dificuldade de comer,

são sintomas muito comuns, mas as emoções fortes ocorrem tão freqüentemente na paixão quanto no amor verdadeiro, embora sentimentos inexplicáveis e emoções fortes indiquem mais a paixão. O amor verdadeiro abriga mais que uma mistura de sentimentos inexplicáveis, e se mantém após a diminuição das emoções fortes.

Se você está sozinho(a), entediado(a) ou tentando superar o rompimento de um romance, mostra-se mais vulnerável a interpretar um novo romance como amor verdadeiro, ainda que esse seja pouco mais que paixão. Se você é inseguro(a) ou possui baixa auto-estima, deve ficar alerta. Pessoas maduras, bem como aquelas que possuem elevada auto-estima, podem ser enganadas por uma paixão, mas têm mais chances de reconhecer a diferença entre o amor verdadeiro e a paixão.

Não fique com a impressão de que a paixão seja de todo ruim. Pode ser uma agradável e divertida experiência se reconhecê-la como tal - um curto interlúdio de uma fantasia romântica. Dando-se tempo suficiente, ela irá passar ou se desenvolverá num relacionamento verdadeiro que envolverá mais que um ímpeto de emoções. Lembre-se de que alguns relacionamentos que começam como paixão, desenvolvem-se em amor verdadeiro com o passar do tempo, enquanto são postos à prova.

O amor verdadeiro difere da paixão na medida em que provê tempo e espaço para reconhecer as boas qualidades bem como as falhas do amigo(a) especial. Comprometer-se com, ter relações sexuais com, viver com, ou casar-se com alguém baseado nesses sentimentos precoces, é pura tolice e irá resultar em conseqüências previsíveis e negativas.

Identificando a realidade

Durante a década de 1820, os mineiros da Corrida do Ouro ocasionalmente confundiram sulfeto de ferro com ouro. O sulfeto de ferro ou ouro

dos tolos, como é chamado, pode ser detectado ao ser colocado numa panela quente. Enquanto o sulfeto espouca, desprende fumaça e emite um forte mau cheiro, o ouro verdadeiro não será danificado pelo calor e também não produzirá odor insuportável. Infelizmente, você não pode colocar a sua relação amorosa numa panela quente, para ver se ele produz um odor ruim, mas pode testá-lo seguindo estes nove fatores:

1. *O amor se desenvolve lentamente; a paixão, rapidamente.* A maioria das pessoas pensa que o apaixonar-se ocorre repentina e intensamente. Paulo diz: “Fiquei apaixonado no exato minuto em que a vi ontem. Ela parecia exatamente aquilo com que eu havia sempre sonhado. Senti como se a conhecesse há muito.”

A avaliação de Paulo não permanecerá válida durante um ano após o encontro. Por quê? Porque o amor cresce e crescimento leva tempo. É impossível realmente conhecer uma pessoa após poucos encontros. Inicialmente, num relacionamento, as pessoas demonstram seu melhor comportamento. Os traços desagradáveis de caráter ficam ocultos e sob controle. Demanda meses ver uma pessoa em diferentes circunstâncias antes de você conhecê-la bem. Muitas pessoas escondem com sucesso traços de personalidade negativos até após o casamento.

Não tire conclusões precipitadas. Permita que seu relacionamento cresça sem pressa. Comecem como amigos e não tentem saltar etapas. Os encontros mantidos com tranquilidade tornam os relacionamentos agradáveis, e tais amizades podem levar ao verdadeiro amor que se assemelha à paixão em intensidade, mas em realidade possui raízes profundas.

2. *O amor se apóia na compatibilidade; a paixão, na química e na aparência.* Steve sentiu-se atraído ao conhecer uma bela garota. Conforme suas próprias palavras, ele sentiu uma química instantânea. “Ou você sente a química ou não. Eu senti no minuto em que a

vi.” De onde Steve tirou a idéia de que química e amor são a mesma coisa? De filmes, talvez!

Essa “dependência química” para guiá-lo na direção do amor é tola e perigosa. A química está baseada mais no físico ou na atração sexual. Há necessidade de uma faísca de atração entre vocês, que os faz sentir mais vivos que nunca dantes, mas basear um casamento apenas nisso é ridículo.

Você pode sentir-se fortemente atraído por alguém que acaba de conhecer e gostar de tudo nesta pessoa, mas há um longo caminho a percorrer antes de poder amá-la. O verdadeiro amor inclui química, mas brota de outros fatores tais como: caráter, personalidade, emoções, idéias e atitudes. Quando você está apaixonado, fica interessado na forma como o outro pensa e responde às situações, aos valores que vocês possuem em comum. Você observa suas atitudes com relação à família, sexo, dinheiro e amigos, bem como nos interesses comuns, origem similar e educação. Quanto mais têm em comum, maiores serão as chances de um verdadeiro amor.

3. *O amor centraliza-se numa pessoa; a paixão pode envolver várias.* Uma pessoa apaixonada pode sentir-se “caída” por duas ou mais pessoas ao mesmo tempo. Essas pessoas frequentemente diferem em personalidade em grau acentuado. Jan diz que está apaixonada por dois garotos, mas não consegue escolher entre eles. Steve é maduro, estável e responsável, entretanto Reggie é um irresponsável e incorrigível paquerador. Jan não está apaixonada por eles. Alguma coisa a atrai para o namorado, enquanto seus instintos maduros mostram-lhe que as qualidades de Steve possuem maior importância. Ela combina suas qualidades e pensa estar apaixonada pelos dois. O amor verdadeiro centraliza-se apenas numa pessoa, na qual caráter e personalidade possuem as qualidades essenciais. Você não tem como combinar diferentes pessoas para formar uma ideal.

4. *O amor cria segurança; a paixão produz insegurança.* Enquanto o amor trabalha segundo o princípio da confiança, a paixão luta com a insegurança e pode tentar controlar o outro através dos ciúmes. Isso não significa que quando você está realmente apaixonado, jamais sentirá ciúmes, mas esse é menos freqüente e severo. O amor verdadeiro confia. Alguns se sentem lisonjeados com cenas de ciúmes, pensando ser isso um indicativo do amor verdadeiro. Ciúmes, entretanto, significam sentimentos de insegurança e auto-estima nada saudáveis, bem como possessividade. O amor verdadeiro não funciona assim.

5. *O amor reconhece as realidades; a paixão as ignora.* O amor verdadeiro vê os problemas diretamente, sem minimizar sua seriedade, enquanto que a paixão ignora as diferenças de âmbito social, étnico, educacional ou religioso. Algumas vezes isso exerce pressão sobre alguém casado. A paixão argumenta que tal coisa não importa. Um casal enamorado, entretanto, enfrenta os problemas de forma franca. Quando um problema ameaça seu relacionamento, eles o discutem abertamente e o resolvem de forma inteligente. Negociam antecipadamente as soluções.

6. *O amor motiva um comportamento positivo; a paixão tem efeitos destrutivos.* O amor é construtivo e manifesta o seu melhor. Ele provê nova energia, ambição e interesse na vida. O amor estimula a criatividade, interesse em crescimento e desenvolvimento pessoal, e leva você a agir de forma digna. Gera auto-estima, confiança e segurança, e o impulsiona rumo ao sucesso. Você estuda mais, planeja mais efetivamente, e poupa mais diligentemente. A vida adquire propósito e significado adicionais. Você pode sonhar acordado, mas permanece ligado à realidade e trabalha em seu mais alto nível.

A paixão tem efeito destrutivo e desorganizador. Você será menos efetivo, menos eficiente, e incapaz de desenvolver seu verdadeiro potencial. Ele se desenvolve em sonhos irreais que fazem

you se esquecer das realidades da vida, do trabalho, do estudo, de suas responsabilidades e de seu dinheiro.

7. *O amor reconhece as falhas; a paixão as ignora.* O amor reconhece as finas qualidades no outro e as idealiza de certa maneira, mas não o considera isento de falhas. As faltas são admitidas, mas o respeito e admiração pelas boas qualidades se sobrepõem às más. A paixão impede você de ver qualquer erro. Você idealiza a tal ponto, que se recusa a admitir faltas e defende o seu(sua) amado(a) de todas as críticas. Admira tanto uma ou duas qualidades, que chega a se enganar acreditando que essas possam sobrepor-se às faltas. O amor torna-o capaz de querer, a despeito de todas as faltas, mas não o cega em relação à realidade.

8. *O amor controla os contatos físicos; a paixão os explora.* O amor verdadeiro ajuda o casal a se controlar nas românticas expressões de intimidade. Ambos se respeitam mutuamente, tanto que limitam seu desejo por intimidade de maneira voluntária. A paixão exige

intimidade muito mais cedo. Além do mais, tal intimidade torna-se algo de menor importância no relacionamento de um casal que se ama, em contraste com um par apaixonado. A razão para isso é que a paixão depende, em larga escala, da atração física e a excitação acaba levando a abraços e carícias. As pessoas que a experimentam pela primeira vez, pensam que deva ser algo muito especial e supõem estar amando. Elas ignoram o fato de que seus valores, metas e crenças podem estar em discordância. Caso se casem baseados somente na atração física, irão descobrir que seu interesse sexual declinará e as discordâncias aumentarão.

Ainda que o amor verdadeiro inclua atração física, ele advém de outros fatores. O contato físico de um casal amante possui normalmente mais um profundo significado do que mero prazer. O contato físico para um apaixonado freqüentemente se torna a razão da relação. O prazer domina a experiência.

9. *O amor obtém a aprovação da família e amigos; a paixão gera reprovação.* Se os pais ou os amigos não aprovam, tenha cuidado! Se eles estão convencidos de que você fez uma má escolha, estarão provavelmente corretos. Casamentos que carecem das bênçãos dos pais experimentam um alto índice de fracasso. Um pesquisador comparou as reclamações de casais felizes com as de casais divorciados. Os divorciados tendem a reclamar quase quatro vezes mais de que seus cônjuges não possuem nada em comum com os seus amigos. Descobriu-se também que casais felizes enfrentam bem menos problemas com parentes. Se parentes e amigos discordam, tome cuidado. Se aprovam, aceite com carinho.

Dê um tempo

Se você analisa seu relacionamento, mas ainda não consegue decidir se se trata de amor verdadeiro ou não, dê tempo ao tempo. A paixão quer acelerar o relacionamento. As emoções fortes anulam o bom senso e tentam apressar um comprometimento que

mais tarde trará arrependimento. O amor verdadeiro pode sobreviver ao teste do tempo (dois anos de namoro) para garantir que você esteja apto para o casamento. O tempo traz experiência e perspectiva.

Todos os anos milhares de casais sobem ao altar; seus olhos estão radiantes de alegria, prometendo amor e fidelidade para sempre, não percebendo que cometem o maior erro de suas vidas. O que sucederá aos seus deslumbrados e persistentes olhares, às ternas promessas, aos beijos apaixonados e sussurros de amor?

Muitos falham em compreender que ninguém fica "caidinho". A decisão de amar é sua, de pensar a respeito, de investir tempo nisso e de possuir fortes sentimentos por alguém. Apaixonar-se é a parte mais fácil e divertida do amor. A parte difícil, o comprometimento de um amor incondicional à uma pessoa imperfeita, permanece. O amor genuíno diz: "Eu o amarei mesmo quando você falhar em suprir as minhas necessidades, em me rejeitar ou ignorar, em comportar-se estupidamente, em fazer escolhas que eu não faria, em discordar de mim e me tratar injustamente. Apesar disso eu o amarei para sempre."

Essa espécie de amor é um presente criativo de Deus para nós, e pode ser apreciado em sua totalidade apenas dentro do respaldo e da segurança do casamento. Somos apenas capazes de amar porque Ele nos amou primeiro. Firme-se primeiramente nEle e então terá menos chances de se desapontar no amor, e mais chances de encontrar nele a satisfação em seu jornadaar terreno.

Nancy L. Van Pelt, CFLE, é autora de muitos livros, incluindo *Smart Love: A Field Guide for Single Adults*, do qual este artigo foi extraído e adaptado. Você pode entrar em contato com Nancy no <http://www.heartnhome.com>.

Diálogo grátis para você!

Se você é um estudante adventista do sétimo dia que freqüenta faculdade ou universidade não-adventista, a igreja tem um plano que lhe permitirá receber gratuitamente a revista *Diálogo* enquanto você estiver estudando (aqueles que não são mais estudantes podem assinar *Diálogo* usando o cupom da página 6). Entre em contato com o diretor do Departamento de Educação ou do Departamento de Jovens de sua União, e peça que seu nome seja colocado na lista de distribuição da revista. Forneça seu nome completo, endereço, faculdade ou universidade onde está estudando, o curso que está fazendo e o nome da igreja onde você é membro. Você pode também escrever para os nossos representantes regionais nos endereços indicados na página 2, anexando uma cópia da carta que enviou aos diretores da União já mencionados. Caso os passos acima não produzirem nenhum resultado, você poderá contatar-nos via e-mail: schulzs@gc.adventist.org

O arco-íris está em sua cabeça

Leonard Brand e Ernest Schwab

Cores, sons e aromas são percebidos e interpretados por um mecanismo cerebral admiravelmente projetado.

Se uma árvore cair na floresta e não houver ninguém para ouvir, será que a queda produzirá algum som? A pergunta pode parecer sem sentido, mas a resposta pode levar-nos a uma visão fascinante da natureza do som, das cores, dos sabores, da beleza, do amor e do gênio inventivo do Criador.

Quando uma árvore cai, seus ramos provocam deslocação de ar à sua volta, atingem outras árvores e, por fim, batem no chão com força. Todas as colisões de objetos contra objetos ou de objetos com o ar geram movimentos vibratórios, os quais se deslocam como uma onda. As vibrações das moléculas do ar ou ondas de som são controladas por leis físicas mensuráveis com exatidão. A natureza e o tamanho dos objetos colidentes e a força com que se impactam, controlam a forma e a complexidade das ondas sonoras, que se movem pelo ar em velocidade constante, controladas com precisão pelas leis da física. Assim pode parecer que o som é totalmente controlado pelas leis da física. Contudo, essa é uma conclusão prematura porque, até aqui, o que descrevemos são vibrações das moléculas do ar. Como essas vibrações se tornam um som?

O ouvido

Quando a árvore cai, um lenhador está trabalhando por perto. As ondas do som, ou moléculas do ar em vibração, produzem a oscilação de seus tímpanos e esse movimento é transmitido ao ouvido interno, onde uma longa fileira de receptores reage a elas. Os receptores de uma das extremidades da fileira respondem às ondas mais longas, percebidas por nós com sons graves. Os receptores da outra ponta são ativados por vibrações curtas, que percebemos como sons agudos. Entre os dois extremos há muitos outros

receptores, cada um sintonizado numa faixa sonora intermediária e conectado ao cérebro por um nervo transmissor do sinal. O cérebro interpreta os sinais, permitindo-nos perceber o som.

Que tipo de sinal viaja ao longo de cada um dos nervos, conectando cada receptor ao cérebro? Seria um som que caminha através do nervo? Não, cada nervo transmite somente um impulso ou sinal elétrico. Os sinais elétricos de um receptor de sons graves e os sinais de um receptor de sons agudos são fisiologicamente os mesmos. Cada receptor do ouvido interno tem sua própria conexão nervosa com o cérebro. A única maneira de o cérebro saber se o som é grave ou agudo é através do nervo que transmite o sinal. Até aqui não temos nenhum som, somente vibrações aéreas de moléculas e impulsos elétricos ao longo de nervos.

Como a conexão entre o ouvido e o cérebro consiste apenas em impulsos elétricos, a origem do som de uma árvore caindo deve vir de algum lugar dentro do cérebro. Não há nenhum som viajando ao longo dos nervos; somente eletricidade. De alguma forma, o cérebro recebe os pulsos elétricos de vários nervos e os traduz numa percepção consciente a que chamamos "som". O que percebemos como som é estritamente uma sensação gerada pelo cérebro. Leis da física e da química governam as vibrações das moléculas do ar e suas interações para tornar a vida possível, mas a vida é muito mais do que essas leis. A vida resulta de uma organização muito complexa não definida por elas, do mesmo modo que o desenho do seu carro não é controlado pelas leis da natureza, mas teve de ser criado. Somente o cérebro é capaz de produzir a sensação de som.

Para ilustrar porque um som não pode ser produzido somente por leis físicas, compare as conexões do ouvido com as conexões de um teclado de computador. Quando apertamos a tecla da letra M ou G, um sinal elétrico é enviado ao processador e trabalhado para reproduzir a letra correta na tela do monitor. Porém, as letras M ou G, como aparecem no

monitor, são criadas dentro do computador e controladas pelas conexões entre teclado e monitor. A atividade elétrica num computador ou no cérebro necessária imediatamente sem as leis da física, mas a forma das letras e a que teclas estão associadas não são controladas por qualquer lei da natureza - elas foram projetadas por um engenheiro. Assim, um especialista em computadores pode mudar facilmente as conexões para, ao se pressionar a tecla M, aparecer um G no monitor.

Da mesma forma, as leis físicas não podem determinar qual o som que vem de cada nervo; isso é feito por uma conexão arbitrária do ouvido. Se pudéssemos penetrar o interior do cérebro, desconectar os nervos e inverter as ligações, as vibrações agudas seriam percebidas como sons graves porque a parte do cérebro que gera essa percepção seria estimulada pela inversão das conexões. Uma flauta soaria como uma tuba e uma tuba seria percebida como uma flauta.

A vista

Vamos agora nos deslocar dos ouvidos para os olhos. A luz dos raios solares se reflete nos objetos à nossa volta. Alguns desses raios atingem os receptores luminosos da retina no fundo do olho. A maior parte dos raios de luz que chegam às folhas de uma árvore é absorvida, mas a luz verde é refletida.

Quando um receptor de luz é ativado por um raio luminoso, envia uma mensagem ao cérebro. Que tipo de mensagem é essa? Esses raios atingem nossa retina e enxergamos as folhas como verdes. Um vestido vermelho reflete os raios vermelhos e nossos olhos se encantam com a beleza da brilhante cor vermelha do vestido, assim como da garota que o está usando. É um impulso elétrico do mesmo tipo daqueles enviados pelo ouvido em resposta às vibrações do ar. Assim, se os mesmos impulsos elétricos transportam informações sobre ondas de som e raios de luz, por que nosso cérebro não se confunde? Pela mesma razão que um computador sabe a dife-

rença entre o sinal da tecla M e o sinal da tecla G. Os circuitos que saem de cada tecla chegam a diferentes pontos dentro do computador. Igualmente, os nervos que partem da retina chegam a um lugar especial no cérebro, um nervo específico para cada sinal visual. Todas as informações procedentes desses nervos chegam ao cérebro como impulsos elétricos, e ele as interpreta como uma imagem visual.

Mas assim como tanto os raios de luz de ondas curtas como os de ondas longas são comunicados ao cérebro pelo mesmo tipo de sinal elétrico, o modo de interpretação desses sinais é o resultado de instruções (como os programas de computador) programadas para interpretar os sinais elétricos de cada parte do nervo ótico, e produzir a imagem visual correta. Em outras palavras, nossa percepção das cores vermelha e verde é o resultado de um sistema de processamento de informações. Nada nas leis da física define as características desse sistema; ele teve de ser inventado por um projetista inteligente.

Alguém pode argumentar que os comprimentos da onda luminosa produtores das cores variadas são bem conhecidos dos físicos e é perfeitamente previsível que o comprimento de onda será visto como uma cor específica. Sim, isso é verdade, em parte. Os comprimentos de onda do espectro visível da luz são o resultado de leis físicas precisas, e o modo como são refletidos pelas diferentes substâncias é uma característica bem consistente da natureza. Também é verdade que podemos prever que comprimento de onda iremos ver usualmente na cor verde. Mas as exceções são a chave para solucionar esse enigma. O fato de a maioria de nós enxergar o verde como resposta ao mesmo comprimento de onda luminosa, somente confirma o fato de que o cérebro é programado de forma muito confiável; podemos ter certeza de observar o verde sempre da mesma forma. Mas isso não é o mesmo para todos. Algumas pessoas são incapazes de distinguir algumas cores; elas não podem diferenciar o verde do vermelho.

Será que as leis da física mudam quando seus olhos são estimulados pela luz? Claro que não, o comprimento de onda da luz refletida pelas folhas continua o mesmo. A diferença está na interpretação ocorrente no cérebro e no sistema ótico, produzida por uma instrução defeituosa na decodificação dos comprimentos de onda do vermelho e do verde.

Felizmente, o daltonismo não é um problema comum, e na maioria dos casos está limitado ao vermelho e ao verde. Isso nos diz que o centro cerebral de interpretação da luz é extremamente estável e confiável, mas, ainda assim, parece ser dependente da organização do cérebro. Noutras palavras, as cores que vemos não são controladas pelas leis da natureza, mas são o resultado do modo como o Criador projetou nosso cérebro. As cores, como nós as percebemos, existem somente nas espécies animais cujos cérebros produzem essa percepção cromática. Portanto, o arco-íris está em nossa cabeça. Se inventássemos um instrumento para detectar a luz, ele poderia somente medir o comprimento de onda luminosa, e não detectar que cor os seres humanos perceberiam quando seus cérebros a interpretassem.

Agora, lembrando a experiência que discutimos antes: desconectar as ligações nervosas do ouvido. Imagine que pudéssemos desligar o nervo do ouvido e invertê-lo. Todavia, desta vez, imagine que pudéssemos desligar dois nervos, um do ouvido e um do olho, e trocá-los. Agora, o processador sonoro do cérebro receberia sinais elétricos do olho, e o processador visual captaria os sinais de ouvido. O que veríamos e ouviríamos? “Escutaríamos” a luz e “veríamos” o som! Com certeza nos confundiríamos completamente porque o processador visual não tem o programa certo para interpretar a informação sonora. Entretanto, veríamos algum tipo de padrão gerado pelos sinais sonoros. Escutaríamos também sons estranhos!

O sentimento do amor

Recorde-se de um momento especial em que você estava de mãos dadas com

a pessoa amada, desfrutando os sons e as cores de uma linda paisagem montanhosa. Os sentimentos de amor e companheirismo tornaram as cores e os sons mais vívidos. De onde vieram essas sensações? Que leis da natureza controlam esses sentimentos, experiências, memórias e pensamentos em seu cérebro, os quais são a parte fundamental do sentimento de amor? O toque suave do ente querido em sua mão apenas estimulou os receptores do tato, e enviou sinais elétricos a pontos específicos do cérebro. Isso soa romântico, não é?

Se parássemos por aqui entenderíamos de física e química, mas não de amor e romance. Essa experiência sentimental não pode ser descrita pelas leis da física ou da química. É verdade que as leis da natureza unem as moléculas que tornam a vida possível, mas somente o cérebro é capaz de saber o significado daquele toque especial e de gerar um sentimento único, diferente daquele que seria produzido em resposta a outro toque suave. Amizade, companheirismo e amor são um belo sistema de relações dependentes de um programa analítico de informações inventado pelo Criador e colocado em nossos cérebros, do mesmo modo que os centros da percepção sonora e cromática.

Cremos que o amor exista porque o Criador nos ama e pretende que experimentemos relações muito além da física e da química, e nos levem a um tipo de contentamento e romance que somente um Deus pessoal compreende e pode compartilhar conosco, visando a iluminar nossa vida. O amor é uma invenção divina, programado em nossos cérebros. O amor, assim como o arco-íris, está em nossas cabeças.

A genialidade de nosso mundo sensorial

Todo o nosso universo de percepções de sons, imagens, cores, odores (sim, as fragrâncias envolvem o mesmo princípio) e a mágica do amor, são produzidos por informações cerebrais e não pelas leis acústicas ou óticas. Na próxima vez que você assistir a um concerto orquestral,

ou sentar-se à beira de um bosque ao entardecer, ouvindo o coral de pássaros e assistindo às transformações das cores do pôr-do-sol, pense sobre a fonte de todos esses estímulos sensoriais. Os vários instrumentos da orquestra e os diferentes cantos dos pássaros estão vibrando nas moléculas do ar de modo único, e a atmosfera reflete os raios solares de diferentes comprimentos de onda. Toda essa física tem seu próprio fascínio, mas não produz uma sinfonia ou um pôr-do-sol deslumbrante. O som cativante da sinfonia e as cores inebriantes do pôr-do-sol são produzidos pelo cérebro. São presentes que o Criador nos deu por meio de instruções e conexões. Ele programou em nossos cérebros aquilo que a mente usa para transformar vibrações friamente precisas do ar, em algo que percebemos como extraordinariamente belo, uma experiência que desejamos compartilhar com alguém que amamos.

Se uma árvore cair na floresta e não houver ninguém para ouvir, esse acontecimento faz algum ruído? Não, ele faz o ar vibrar, mas o som é produzido somente dentro do cérebro.

O que tudo isso significa?

Como as criaturas vieram a ter esse equipamento de audição, visão, olfato e amor em suas cabeças? Por mais de cem anos, a ciência vem explicando tal fato como resultado de mutações e seleção natural - processos naturais puramente impessoais. Sugerimos neste texto uma interpretação diferente, que leve a descobertas fascinantes sobre a natureza do som, das cores, do sabor, da beleza, do amor e da genialidade inventiva do Criador que as produziu. Como podemos estar tão certos de ver a mão do Criador nisso tudo? Na verdade não podemos provar isso, da mesma forma que ninguém também pode comprovar o contrário; mas cremos que é uma escolha filosófica perfeitamente racional.

A ciência pode contribuir muito no sentido de fazer-nos compreender como nossos cérebros e outros sistemas naturais trabalham e como os organismos mudam. Há evidência abundante para

a microevolução e para o surgimento de novas espécies, mas há uma falta grave de indícios convincentes de um mecanismo genético que produza um novo sistema orgânico, ou que transforme uma forma animal básica em outra.* Não podemos provar que o cérebro não poderia evoluir sem a existência de um projetista inteligente, mas as ciências naturais carregam o pesado fardo de ter de nos provar que poderia. Mesmo a melhor ciência não dispõe de provas para demonstrar que as maravilhas do cérebro humano, por exemplo, poderiam surgir sem um sábio projetista que compreende e inventou um órgão tão sofisticado e habilidoso - um órgão capaz de produzir uma sinfonia de sons, imagens e amor, que torna a vida tão bela.

Na visão da ciência moderna, as leis impessoais da química e da física são a verdade definitiva. Mas cremos que Deus é um Ser real e em Seu universo as relações pessoais são de importância primordial. Deus é o inventor e governante das leis da natureza, e Ele as usa de forma consistente para fazer funcionar o Universo. Mas elas não são Seu motivo para a criação e nem Sua mais valiosa feitura. Para Deus, as relações pessoais e a capacidade amigos compartilharem a contemplação das maravilhas estéticas do Universo por Ele criado são muito mais importantes que as leis naturais. As leis da natureza são somente Seus instrumentos para prover algo mais importante - seres vivos racionais capazes de experimentar relacionamentos e responder ao amor de Deus.

Os seres humanos nunca poderão compreender a Deus, enquanto não entenderem e aceitarem Sua natureza como um Ser real, para quem a lei natural é tão-somente um meio de dar sustentação à Sua mais alta prioridade - as relações de amor entre seres que podem manter relacionamentos de confiança, porque escolheram livremente assim fazê-lo.

Leonard Brand (Ph.D. pela Universidade de Cornell) ensina Biologia e Paleontologia, e é titular do Departamento de Ciências Biológicas e da Terra, na Universidade de Loma Linda, Califórnia, EUA. Seu e-mail: lbrand@llu.edu. Ernest Schwab (Ph.D. pela Universidade de Loma Linda) ensina Anatomia e Fisiologia na Escola de Profissões da Saúde da Universidade de Loma Linda. Seu e-mail: eschwab@llu.edu Este artigo foi condensado de um ensaio publicado pelos autores em *Origins 58* (2005), pp. 45-56.

* Ver L. R. Brand, *Faith, Reason, and Earth History* (Berrien Springs, Michigan: Editora da Andrews University, 1997), e *Beginnings: Are Science and Scripture Partners in the Search for Origins?* (Nampa, Idaho: Pacific Press, 2006). Ver também L. Spetner, *Not by Chance! Shattering the Modern Theory of Evolution* (Brookline, Nova Iorque: The Judaica Press, 1998).

Anunciamos... A Conferência Européia sobre Fé e Ciência

1 - 12 de Julho de 2007

Patrocinada pela Divisão Euro-Africana e o *Geoscience Research Institute*, a conferência está aberta para educadores adventistas interessados no assunto sobre origens, evolução, criação, geologia e paleontologia.

Para informação, inscrição, pagamento e transporte, contate o Dr. Roberto Badenas: roberto.badenas@euroafrica.org

Dr. Raúl Esperante irá providenciar informações relacionadas com o programa e trabalho de campo. Contate o Dr. Raúl Esperante: resperante@llu.edu

Os críticos pós-modernos da Bíblia e a arqueologia atual

Michael Hasel

Diante dos desafios do pós-modernismo, eruditos e historiadores bíblicos estão se voltando mais e mais para a arqueologia como a fonte primária de informação sobre a história bíblica.

Desde o surgimento da pesquisa arqueológica no antigo Oriente Médio, em 1799,¹ nenhuma outra disciplina tem proporcionado mais informações e novas percepções sobre pessoas, lugares e eventos da Bíblia. O escopo da arqueologia é muito vasto e busca compreender antigas culturas e estilos de vida, por meio do estudo de antigos materiais remanescentes, produzindo impacto em nosso conhecimento das origens e, principalmente, do que nos tornamos hoje. A ponte entre o que éramos e o que nos tornamos continua a fascinar pensadores ao redor do mundo com importantes questões: Quem sou eu? De onde vim? Por que estou aqui? Hoje, após o fim do modernismo, o pós-modernismo se tornou a base principal da formação de novos conceitos.² Embora, por sua própria premissa filosófica, o pós-modernismo desafie as definições, Os Guinness o resume da seguinte forma: “Se o modernismo era um manifesto de autoconfiança e auto-congratulação humana, o pós-modernismo é uma confissão de modéstia, senão de desespero. Não existe verdade; apenas verdades. Não existe razão principal; apenas razões. Não existe civilização privilegiada (ou cultura, crença, norma e estilo); apenas uma multiplicidade de culturas, crenças, normas e estilos. Não existe justiça universal; apenas interesses e competição dos grupos interessados.”³

No fim, escreve o teólogo oxfordiano Alister McGrath, “essa desilusão com o modernismo do Iluminismo” tem conduzido a uma filosofia onde “a verdade

é que não há verdade”.⁴ Essa premissa básica tem levado a uma reinterpretação radical da Bíblia, resultando num novo nível de crítica da história bíblica.

Niels-Peter Lemche, da Universidade de Copenhague, escreve que genuínas “lembranças da história primitiva de Israel não são encontradas na narrativa histórica do Antigo Testamento”, portanto, “não podemos recuperar a história bíblica do Israel primitivo”.⁵ Noutra série de artigos recentemente publicada intitulada *Can A “History of Israel” Be Written?*, Hans M. Barstad conclui: “Se nossa única preocupação fosse a verdade histórica (verificável), a história de Israel deveria não apenas ser bastante breve (escrita em não mais que dez páginas), mas também demasiadamente enfadonha.”⁶

Alguém poderia alegar que essa discussão está restrita aos círculos acadêmicos, e pensar que ela não exerce nenhuma influência direta no pensamento popular. Essas reinterpretações, porém, têm recebido muito destaque na imprensa popular. Foi publicado um artigo do *U.S. News and World Report* com o título “A Luta pela História”.⁷ De acordo com um livro popular disponível em muitas livrarias, *The Bible Unearthed*, de Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman, a nova visão do antigo Israel nos diz que “a saga histórica contida na Bíblia, desde o encontro de Abraão com Deus até o surgimento e queda dos reinos de Israel e Judá, não foi uma revelação miraculosa, mas um genial produto da imaginação humana”.⁸ Muitos que lêem esses relatos se deparam com importantes questões que atingem a própria essência dos assuntos relacionados à confiabilidade da Bíblia.⁹ Ou, como pergunta o título de um recente best seller, *Is The Bible True?*¹⁰ Para o pós-modernista essas questões estão se tornando cada vez mais relevantes e, para o cristianismo, elas são essenciais em suas reivindicações por viabilidade num mundo em rápida mudança.

William G. Dever, um dos mais

destacados especialistas americanos em arqueologia do Oriente Médio, discute esses ataques num livro recente por título *What Did the Biblical Writers Know and When Did They Know It?* “A ironia é que o ataque mais mortal à Bíblia e sua veracidade, tanto em seu significado histórico quanto teológico em anos recentes, tem vindo não de seus inimigos tradicionais - ateus, incrédulos, ou mesmo os comunistas agnósticos, temidos até há pouco pelos crentes na Bíblia - mas de bem-intencionados amigos da Bíblia.”¹¹

A arqueologia é uma das principais disciplinas que nos permite defender-nos contra o revisionismo pós-moderno, enquanto centenas de arqueólogos trabalham cada ano para desenterrar o passado. Recentes descobertas realizadas nos últimos 15 anos têm dado respostas convincentes, apoiadas por evidências factuais contra as críticas pós-modernas. Neste breve estudo, examinaremos algumas dessas áreas.

Pessoas: Davi e Golias

A história de Davi e Golias tem estimulado a imaginação de muitos estudantes da Bíblia através dos séculos. É a narrativa da fé de um pequeno e desprotegido garoto, contra um valente e bem armado filisteu. É a história do exército israelita encolhendo-se de medo no vale de Elá, enquanto os filisteus zombam deles e do seu Deus. Cinco pedras contra escudos de ferro, capacetes e espadas. Mas, qual é a história por trás da história? Golias e Davi realmente existiram?

Em 1992, Philip Davies, professor de estudos bíblicos da Universidade de Sheffield, apelou à arqueologia para afirmar: “O ‘império’ bíblico de Davi e Salomão não encontra um eco sequer no registro arqueológico, pelo menos não ainda.”¹² Então ele concluiu que Davi e Salomão não eram mais históricos do que o rei Artur e a Távola Redonda. Seu argumento, porém, é baseado no silêncio. Na visão de Davies e outros eruditos pós-modernos, os personagens e as histórias da Bíblia precisam ter uma

contrapartida histórica (arqueológica). “A menos que isso ocorra, não há nenhuma base autêntica para se dizer que ‘Israel’ tenha qualquer coisa que ver com a história.”¹³ A Bíblia é culpada até que prove sua inocência.¹⁴ Porém, argumentos embasados no silêncio são perigosos em qualquer disciplina. Na arqueologia, que tem atualmente centenas de arqueólogos trabalhando no Oriente Médio, tais argumentos podem ser devastadores.

Em 1993, arqueólogos que trabalhavam em Tel Dan, ao norte de Israel, descobriram algo muito interessante. Do lado de fora dos portões da cidade, foi encontrada uma pedra de basalto que havia sido reutilizada numa parede. Ao ser virada, verificou-se que continha uma inscrição. Mais tarde, o responsável pela escavação e um lingüista publicaram um texto que mencionava a vitória do rei arameu Ben-Hadade, o qual se orgulhava de haver derrotado a “casa de Davi” e a “casa de Israel”. Com base no estilo da escrita, a inscrição é datada de 850 a.C., e seu significado procede da menção, pela primeira vez, do nome *Davi*, que é usado em conexão com a “casa de Davi,” como era conhecida nos tempos bíblicos a dinastia de Judá (I Reis 12:26; 14:8; II Reis 17:21). O ponto é que não há nenhuma razão para designar uma dinastia em conexão com alguém que não existiu.

No último verão ocorreu uma descoberta arqueológica muito interessante, que lança luz adicional sobre a história de Davi e Golias. De acordo com a Bíblia, Golias era de Gate (I Samuel 17:4), uma das cinco cidades filistéias. Escavações realizadas em Gate (Tel es-Safi) por Aren Maier, da Universidade Bar-Ilan, e em Tel-Aviv, trouxeram à luz um fragmento de cerâmica com uma inscrição. Em sua apresentação na *American Schools of Oriental Research*, Filadélfia, em novembro de 2005,¹⁵ o Dr. Maier afirmou que a inscrição (em caracteres semíticos) reflete um estilo de escrita proto-cananita. As letras grafadas sem vogais são: ALWT e WLT. Contudo, embora a escrita seja semítica, a língua é indo-européia. Os nomes,

portanto, poderiam ser construídos como *Wylattes* ou *Alyattes*. Aos ouvidos de um israelita, as palavras podem ter soado como *Wylattes/WLT/Goliath*.

Que os nomes tenham sido escritos em indo-europeu com caracteres semíticos é muito significativo. O indo-europeu aponta para uma origem egéia (grega), do mesmo lugar de onde, segundo a Bíblia, vieram os filisteus (Gênesis 10:14; Jeremias 47:4; Amós 9:7). As letras semíticas indicam uma adaptação da língua escrita ao ambiente cananita, onde os filisteus se radicaram.

Onde essa inscrição foi encontrada? Ao desenterrar antigas cidades, camada por camada, os arqueólogos podem datar os artefatos encontrados em cada estrato. Essa inscrição foi encontrada sob as ruínas de uma grande cidade, que os arqueólogos relacionaram com a campanha militar de Hazael, da Síria (II Reis 12:17). A inscrição, portanto, foi localizada num contexto estatigráfico e pode ser datada do século nono ao décimo antes de Cristo, ao redor de 950, e não mais de 880 a.C. O contexto é importante, porque ele estabelece que o nome Golias era conhecido na cidade filistéia de Gate, cerca de 70 anos após o episódio entre Davi e Golias, e registrado em I Samuel 17. O Dr. Maier conclui que conquanto a inscrição provavelmente não se refira ao personagem bíblico Golias, ela sem dúvida aponta para “um Golias ou talvez dois indivíduos chamados Golias”. Isso significa que esses nomes eram usados em Gate, alguns anos após a Bíblia relatar o conflito entre Davi e Golias.

Lugares/Cidades: Hazor, Gezer e a Monarquia unida

De acordo com I Reis 9:15-16, Salomão fortificou as cidades de Hazor, Megido, Gezer e Jerusalém. Qual é a evidência arqueológica dessas fortificações? Na década de 1950, ao trabalhar em Hazor, arqueólogos descobriram um portão monumental que datava do tempo de Salomão. Yigael Yadin, da Universidade Hebraica e responsável pelas escavações, predisse que portões

similares seriam encontrados nas ruínas das outras cidades mencionadas no texto bíblico. Sua hipótese se mostrou correta. No final da década de 1960, escavações em Gezer revelaram um portão com a mesma arquitetura e também datado pelos arqueólogos como sendo do século décimo, o tempo de Salomão. Textos encontrados nos dois lugares confirmam a identificação com Hazor e Gezer. Eruditos pós-modernos, porém, começaram a questionar qualquer relação com as atividades de Salomão, afirmando que o portão seria de uma data bem posterior.¹⁶

Em 1990, tive o privilégio de participar de uma nova escavação em Gezer. Durante a temporada, trabalhando com o Prof. William G. Dever, da Universidade do Arizona, encontramos a evidência necessária para situar o portão no século décimo.¹⁷ Recentemente, nos últimos três verões (2004-2006), a Universidade Adventista Southern tem estado envolvida em novas escavações em Hazor, o maior de todos sítios arqueológicos dos tempos do Antigo Testamento em Israel.¹⁸ Esses dois sítios têm produzido muitas e impressionantes evidências do período salomônico. Os portões de ambas as cidades e suas áreas adjacentes produziram muitas cerâmicas lisas e polidas do décimo século. A arquitetura desses portões consistia em pedras de cantaria cuidadosamente entalhadas, que evocam a descrição do relato bíblico dos habilidosos trabalhadores fenícios contratados por Salomão para completar o trabalho. Hoje os arqueólogos continuam a desenterrar evidências que confirmam as descrições bíblicas do décimo século.

Organizações políticas/culturas: Canaã e Filistia

Niels-Peter Lemche tem declarado com certa petulância, que Canaã e os canaanitas não eram muito bem definidos no segundo milênio a.C. Em seu livro *The Canaanites and Their Land*, ele escreve: “Evidentemente os habitantes do suposto território cananita da Ásia ocidental não faziam uma clara idéia

do real tamanho de Canaã; tampouco sabiam com exatidão onde Canaã estava situada.”¹⁹ Em essência, “os canaanitas do antigo Oriente Médio nem sabiam que eles mesmos eram canaanitas”.²⁰ As conclusões de Lemche têm sido questionadas,²¹ mas ele mantém sua interpretação das fontes históricas, chamadas por ele de “imprecisas” e “ambíguas”.

Essa história revisionista de Canaã e dos canaanitas simplesmente não encontra apoio na evidência arqueológica disponível. O termo *Canaã* apareceu pela primeira vez em antigos textos do Oriente Médio, e é a partir dessa evidência que a maioria dos eruditos tem definido a região. Textos da antiga cidade de Ebla, localizada na Síria (cerca de 2.400 a.C.), mencionam Canaã pela primeira vez numa citação que deve ser entendida como em referência a uma terra ou região. Arquivos de antigos textos cuneiformes de Alalakh e Mari também indicam que o povo dessa região era conhecido como cananita, e são feitas claras distinções entre esses e outros grupos. As cartas de Amarna encontradas no Egito fornecem a melhor documentação da organização política de Canaã em torno de 1.400 a.C. Aqui, frases como “toda a Canaã,” “as cidades de Canaã,” “as terras de Canaã” e “a terra de Canaã” expressam uma entidade geográfica e territorial com limites definidos, que constituem a província egípcia na Ásia ocidental.²²

Os egípcios se referem 15 vezes a Canaã e aos canaanitas em registros de campanhas militares na região. Nessas descrições, os habitantes são não apenas representados como também retratados nos relevos de paredes de templos egípcios. Esses relevos indicam consistentemente que Canaã era um território repleto de cidades e habitantes, que se estendia de Gaza, ao sul, até a região austral do moderno Líbano.²³ Certamente que a partir desses textos descobertos pelos arqueólogos, há muita coisa que lança luz sobre esse antigo território mencionado na Escritura.

A Bíblia descreve os filisteus como um grupo originário de Caftor ou Creta (Gênesis 10:14; Jeremias 47:4; Amós

9:7). Em 1992, Thomas L. Thompson escreveu que a idéia, de “que os ‘filisteus’ devem ser compreendidos como representando uma população estrangeira intrusa na *Palestina*, tem de certamente ser negada.”²⁴ Ele declarou que as evidências arqueológicas eram “superficiais” e afirmou que a “cerâmica filistéia” simplesmente não reflete o povo filisteu. Nem há qualquer justificativa para ver esses oleiros propriamente ditos como imigrantes ou como descendentes de imigrantes... Em vez disso, a cerâmica reflete uma síntese de tradições cerâmicas de mais de um grupo populacional.”²⁵ Infelizmente, não há qualquer desenvolvimento dessa hipótese com respeito à cerâmica ou outra cultura material, deixando o arqueólogo sem saber ao certo o que Thompson quis dizer. O fato é que a arqueologia tem vividamente lançado muita luz sobre os filisteus bíblicos nos últimos 20 anos.

Com base em textos e cerâmicas egípcios (pintadas com os mesmos motivos dos micenianos e outros povos da região do mar Egeu), os filisteus têm sido tradicionalmente vistos não como um grupo nativo, mas vindos do mundo egeu como invasores conquistadores ou grupo migratório. Os relevos egípcios de Ramsés III em Medinet Habu retratam esses “povos do mar” chegando em navios e utilizando carros puxados por animais. O Papiro Harris I diz que os egípcios costumavam dizer que “os filisteus eram feitos de cinzas,” como referência à derrota militar deles diante do Egito.²⁶

O registro arqueológico pode ser citado em apoio dessa reconstrução. A devastação de muitos lugares no sul da Palestina, durante a transição dos períodos do Bronze Antigo e da Primeira Idade do Ferro, tem sido atribuída a esses desesperados grupos de “povos marítimos” do mundo egeu (grego). A produção cerâmica em cidades filistéias tais como Asquelon, Asdode, Tel Miqne-Ecron e Tel Qasile, após essas destruições, revela uma notável influência egéia,²⁷ e a Análise por Ativação Neutrônica confirmou que essa cerâmica

fora feita no local, em vez de importada. Novos tipos de arquitetura indicando a influência egéia incluem: (1) quartos com uma espécie de lajeira em Ecron e Qasile, semelhantes aos de Pylos, em Micenas, e Tiryns, na Grécia, e (2) aspectos de um edifício megarense egeu em Ecron. Além disso, influências cultistas são atribuídas à imagem de “Asdode,” as quais se assemelham às encontradas em Micenas. Escavações nesses e noutros lugares indicam que a cultura filistéia era sofisticada e avançada, em comparação com seus contemporâneos israelitas.²⁸ Não é de admirar que Sansão fosse tentado a descer até os filisteus (Juízes 14:1).

Conclusão

A arqueologia representa uma das poucas disciplinas que tratam exclusivamente da realia - artefatos, edifícios, cidades e terras - fatos tangíveis e tridimensionais que, embora cobertos pelas areias do tempo, dão testemunho de pessoas, lugares e eventos do passado. À medida que esses monumentos continuam a ser desenterrados ano após ano, o mundo bíblico emerge com muito mais força, permitindo-nos ver mais detalhadamente sua riqueza e diversidade.

Há necessidade cada vez maior de cuidadosa pesquisa arqueológica no Oriente Médio. Eruditos e historiadores bíblicos que agora enfrentam os desafios do pós-modernismo estão se voltando mais e mais para a arqueologia como fonte principal de informações acerca da história bíblica. Embora a disciplina ainda esteja em sua infância, a arqueologia está começando a preencher os detalhes da grande história bíblica desde seus primórdios. Nessa busca, as reivindicações revisionistas da erudição pós-moderna continuam a ser desafiadas pelos registros das pedras do Oriente Médio.

Continua na p. 35

FÓRUM ABERTO

Os cristãos e as eleições políticas

Logo teremos eleições em meu país e, como jovem eleitor, participarei pela primeira vez com meu voto. Os slogans políticos e as declarações contraditórias dos vários candidatos não me ajudam a decidir quem é mais qualificado ou confiável. Sou obrigado por lei a participar da eleição, e alguns de meus amigos cristãos me dizem que devo votar em branco e deixar Deus executar Sua vontade soberana, uma vez que, de acordo com a Bíblia, “Ele estabelece reis e remove-os” (Daniel 2:21, NVI). O que me aconselha?

Respeito o pensamento de seus amigos, mas não creio que o voto em branco ajudaria os propósitos “divinos na área política”, se é que existe tal coisa. Se nada pode impedir a vontade de Deus, um sufrágio em favor de qualquer candidato seria o mesmo que um voto em branco, você não acha? Não acredito que Deus trabalhe no vácuo, mas Ele intervém na história e no mundo através dos seres humanos, assim como o mal também o faz. A única diferença é que o mal nunca teve falta de ajudantes.

Infelizmente, em muitas ocasiões, o resultado de uma eleição tem muito pouco a ver com a vontade de Deus. Em Oséias 8:4, o Senhor diz: “Eles estabeleceram reis, mas não da minha parte; constituíram príncipes, mas eu não o soube.”

Na maior parte dos sistemas eleitorais, os votos em branco acabam favorecendo o candidato que tem a preferência dos eleitores. Você é afortunado em viver num país que garante eleições livres, nas quais você tem o privilégio de votar. Lembre-se de que “mesmo a pior democracia é preferível à melhor ditadura”. Seu voto conta muito.

Jesus ressaltou que nós, seres humanos, temos certas responsabilidades

para cumprir diante de Deus e das autoridades que exercem o governo da sociedade (Mateus 22:21; veja também Atos 5:29). Por essa razão e a despeito das imperfeições de qualquer sistema político ou eleitoral, considere algumas perguntas que podem ser usadas na avaliação de cada candidato (a), e ajudá-lo em seu voto:

Que tipo de informações há a respeito de sua atividade política passada? Que iniciativas tem tomado e executado? Foi ele(a) fiel às promessas de campanha ou sido maleável em relação a interesses especiais? Como administrou os fundos públicos? Qual a plataforma do partido que o(a) apóia? Até que ponto suas idéias concordam com os princípios éticos cristãos? Quem faz parte de sua equipe e quem são seus assessores?

Você já leu sobre suas propostas? São elas realistas ou simplesmente elaboradas para conseguir o voto popular? Há razão para crer que ele(a) será transparente se eleito(a) para o cargo? Pode-se esperar que o(a) candidato(a) respeite e imponha respeito no que tange ao funcionamento independente dos poderes judiciais e legislativos do governo? É razoável acreditar que ele(a) protegerá a liberdade de consciência de todos os cidadãos?

Pelo que se sabe a seu respeito, sua conduta pessoal é um exemplo digno de ser imitado? Sua família e vida particular são exemplos ou obstáculos à liderança da comunidade?

Reconheço que, num mundo imperfeito, algumas perguntas são difíceis de responder com certeza. Não obstante, esse exercício desenvolverá em você a capacidade de ser um cidadão útil. Também sei que freqüentemente acabamos votando num candidato que reúne os requisitos básicos e é o menos censurável com relação a nossas

convicções. Como cristão você é responsável por avaliar, decidir e exercer seus direitos de cidadão. Ore pelo futuro de seu país e decida seu voto com uma consciência esclarecida.

Hugo A. Cotro está completando seus estudos doutorais na Universidade Andrews. Essas perguntas e respostas foram adaptadas de seu livro *Que dice la Biblia? Respuestas bíblicas para sus interrogantes* (Buenos Aires, Argentina: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2005).

Assinatura gratuita para a biblioteca de sua faculdade ou universidade!

Deseja ver a *Diálogo* disponível na biblioteca de sua faculdade ou universidade, de modo que seus amigos não-adventistas possam ter acesso à revista? Procure o bibliotecário e sugira que solicite uma assinatura gratuita, usando papel timbrado da instituição. Cuidaremos do resto!

As cartas devem ser endereçadas a: *Dialogue* Editor-in-Chief, 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, MD 20904-6600, EUA.

PERFIL



Rafael Falcó Güell nasceu perto da cidade de Barcelona, na Espanha. Quando tinha 12 anos de idade, seus pais faleceram, deixando-o aos cuidados de parentes. Desde a sua mais tenra idade, amou pintar e desenhar e por diversas décadas não deu as costas a este seu primeiro amor.

Aos 22 anos, estimulado com uma bolsa de estudos, ele foi a Madri para estudar arte. Ali ele visitou regularmente o museu Sorolla, onde dedicou horas estudando as mais importantes obras-primas especialmente o efeito das luzes e as cores brilhantes do mestre impressionista valenciano, Joaquín Sorolla. Sob a influência do artista, ele pintou muitas cenas de praias, com crianças brincando sob o sol. Suas pinturas revelam uma fascinação pelos reflexos das cores sobre a água em movimento, o que se tornaria um de seus favoritos temas durante a sua carreira.

De volta a Barcelona, o jovem artista foi admitido pela escola impressionista de Rafael Benet, e logo tornou-se um excepcional aluno. Ele também se tornou conhecido por muitos artistas e em 1965 dividiu um estúdio com o famoso pintor Gabino Rey. Em 1968, Falcó Güell participou de sua primeira exposição coletiva de arte em Barcelona e dois anos mais tarde, ele apresentou a sua primeira exposição individual na pres-

Rafael Falcó Güell

Diálogo com um pintor adventista da Espanha

tigiosa Sala James (*James Hall*), com seus temas favoritos: crianças brincando na praia e paisagens descrevendo a costa da bela Costa Brava, no Mediterrâneo. Ele dedicou todo o ano de 1970 em Paris, pintando diversos temas locais para diversas exposições em Barcelona e em outras cidades da Catalunha. Cinco anos mais tarde, o especialista de arte norte-americano, Herbert Arnot (*Arnot Gallery* em Nova Iorque) ficou tão interessado no trabalho de Falcó Güell que comprou quase toda a sua produção de diversos anos.

Entre 1985 e 1994, o artista ingressou na escola de arte Rusc em Blanes na cidade de Barcelona para ensinar técnicas artísticas para jovens e aspirantes e para compartilhar com eles a sua paixão pela pintura. (O retrato de Falcó, acima e à esquerda, foi pintado por uma de suas estudantes, Cristina Jeremías, um presente dedicado a ele.) Durante este período, ele visitou Veneza muitas vezes, produzindo em torno de 400 trabalhos que refletiram as cores e os cenários pelos quais a cidade foi historicamente observada. O tema veneziano fez muito sucesso em suas exposições em numerosas galerias de arte nos Estados Unidos, assim como na França, na Suíça, na Alemanha e na Itália. Sua exposição em 1992 durante os Jogos Olímpicos em Barcelona ganhou a aprovação de críticos de arte por toda a Europa.

Rafael Falcó Güell e sua esposa são membros da Igreja Adventista Uggell em Barcelona.

■ *Quando você começou a pintar e quem lhe deu o primeiro empurrão?*

Quando eu tinha apenas sete anos de idade, meu pai me deu uma caixa de aquarela. Aquele foi o primeiro passo e nunca mais parei de pintar desde então. Gostava de visitar galerias de arte e museus, e ali descobri o significado de

beleza. Eu descobri em mim o desejo dormente de pintar. Depois eu vi neste desejo um dom concedido a mim por Deus - para apenas ser desenvolvido, deixar que florescesse.

■ *Qual foi a maior dificuldade na sua carreira?*

Enquanto jovem, trabalhei como mecânico, mas no meu tempo livre encontrei a minha diversão em pintar. Como pintor, meu primeiro desafio encontrado foi econômico. Ninguém quer comprar uma pintura de um pintor desconhecido! Leva tempo para se tornar conhecido como um pintor profissional. Pouco a pouco, escalei esta colina e um dia o momento chegou para me surpreender. A minha primeira exposição foi um bom começo, e desde então eu não tive problemas para sobreviver como pintor.

■ *Quais são os seus temas favoritos?*

A grande maioria é paisagens. O mar, a praia e os vilarejos sobre as montanhas sempre me atraíram. Mas também pinto a vida nas grandes cidades. Gosto especialmente de Veneza e Barcelona. A vida é interessante para mim em todas as suas formas, mas percebo que a natureza me permite uma liberdade maior, trabalhando com cores e brincando com os efeitos de luzes

■ *Como você define o seu estilo?*

Tenho tentado não ficar preso a um estilo particular. O estilo surge por si mesmo. Os especialistas chamam o meu estilo de "impressionismo moderno". Eu não discordo.

■ *Você tem sido um artista de sucesso. O que você diria ser o segredo do seu sucesso?*

Para mim, o sucesso não é uma questão de dinheiro, mas de satisfação. O real sucesso vem da qualidade do trabalho feito, e de se estar totalmen-

te satisfeito com o resultado final. A forma como represento as luzes e as cores é admirado por muitos. O segredo repousa em um certo equilíbrio entre honestidade e competência.

■ *O que o torna feliz como artista?*

Estar feliz em um mundo caído como o nosso não é uma possibilidade absoluta. Nós precisamos descobrir a felicidade ao fazer o nosso melhor, seja qual for o nosso talento e para o qual fomos chamados a fazer. A minha felicidade está em refletir em minhas pinturas a grande beleza que vejo todos os dias, em muitos lugares, na criação gloriosa de Deus. Tendo completado uma pintura, comissionada ou não, e então colocá-la nas mãos de um comprador traz satisfação e sofrimento. A satisfação ocorre quando nós sabemos que o nosso trabalho fará alguém feliz e irá adicionar beleza à uma casa ou em um escritório. O sofrimento vem da percepção de que nunca mais irei possuir aquele trabalho novamente. Mas um pintor satisfeito irá aprender a lidar com os dois lados da sua profissão.

■ *A sua fé afeta a sua visão de arte? Você pretende expressar alguma mensagem particular em seu trabalho?*

Certamente. A visão da vida afeta o trabalho de qualquer um, e isto ocorre particularmente na pintura. Vejo a Deus em Seu trabalho todo o tempo, e é com este pensamento que pego o meu pincel e me aproximo da minha tela. Entretanto, nunca tento expressar alguma mensagem secreta. Deixo a beleza da arte falar por si mesma. Quando pinto, eu somente libero o que percebo, o que eu vejo e o que sinto. Eu gosto de pensar em mim mesmo como um copista, um imitador ou tradutor e um adorador de Deus, e transporto o dom de Deus através do meu trabalho.

■ *Como a sua vida familiar afeta o seu trabalho?*

A minha família é grande parte do meu trabalho. Sem a felicidade e o suporte de uma família, não há como

se concentrar em seu trabalho, e isto é especialmente real em uma arte tão sensível como a pintura. Ainda que eu não goste das críticas que meus parentes compartilham comigo sobre algumas das minhas pinturas, ao pensar duas vezes, freqüentemente tenho que aceitá-las porque são certas e muito positivas.

■ *Como você conheceu os adventistas do sétimo dia?*

Após o meu serviço militar, fui apresentado à uma família adventista em Barcelona. Gostava particularmente da filha deles, que me conduziu à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nós nos casamos e ela tem sido minha companheira fiel por todos estes anos.

■ *Você se sente aprovado pela sua igreja no que você faz?*

Geralmente sim. Alguns de meus amigos na igreja têm me encorajado e apreciado o meu trabalho, mas eu tenho de confessar que muitos na igreja não têm cultivado interesse em arte e pintura.

■ *Que conselho você daria para os jovens adventistas que aspiram tornar-se pintores?*

A decisão sobre tornar-se um pintor é muito pessoal. Um talento é algo recebido por Deus. Ser um artista é um assunto sério que envolve talentos e dons, mas também convicções e muita determinação. Se alguém sente que possui este dom, vá em frente!

Entrevistado por Roberto Badenas

Roberto Badenas (Ph.D., Universidade Andrews) é diretor do Departamento Educacional e representante da revista *Diálogo* para a Divisão Euro-África. Seu endereço de e-mail é: roberto.badenas@euroafrica.org

Rafael Falcó Güell pode ser contactado através do endereço de e-mail: rfalcoquell@hotmail.com

ASSINE DIÁLOGO

Você quer ser um pensador e não meramente um refletor do pensamento de outras pessoas? A *DIÁLOGO* continuará a desafiar-lo a pensar criticamente, como um cristão. Fique em contato com o melhor da ação e do pensamento adventista ao redor do mundo. Entre na *DIÁLOGO*.

Assinatura anual (3 exemplares – via aérea): US\$13,00 **Números atrasados:** US\$ 4,00 cada.

Gostaria de assinar a *DIÁLOGO* em Espanhol Francês Inglês Português

Edições Iniciem minha assinatura com a próxima edição.

Gostaria de receber estes números anteriores: Vol. ____, No. ____

Pago Estou juntando um cheque internacional ou ordem de pagamento.

Meu MasterCard ou VISA é _____

Data de validade: _____

Por favor, preencha:

Nome _____

Endereço _____

Remeta os dados para: *Diálogo*, Suscripciones; Linda Torske; 12501 Old Columbia Pike; Silver Spring, MD 20904-6600; EUA

Fax 301-622-9627

Email torsk@gc.adventist.org

PERFIL



Nascida em Chicago e criada em Keene, Texas, onde seu pai ensinava matemática na Universidade Adventista Southwestern, Michelle Chin sempre se interessou por atualidades e política. Como filha de imigrantes, sua lembrança mais antiga a respeito do governo dos Estados Unidos é a longa espera na fila do escritório de imigração em Fort Worth, enquanto seus pais faziam o juramento de cidadania americana. Graduou-se em 1990 com o título de bacharel em economia política na Universidade Andrews.

De 1990 a 1994, Michelle trabalhou como funcionária do Congresso, em Washington, D.C., na equipe do Deputado Joe Barton, um republicano do Texas. Depois deixou Washington

Michelle Chin

Diálogo com uma jovem adventista especializada em ciências políticas

para fazer pós-graduação em ciências políticas na Universidade Texas A&M, onde concluiu o mestrado em 1997 e o doutorado em 2001. Atualmente, Michelle exerce o cargo de professora-assistente de ciências políticas na Universidade Estadual do Arizona. Tem publicado artigos em revistas especializadas, sobre os vários aspectos do sistema político americano, e está escrevendo um livro sobre o acesso às decisões do Congresso. Michelle é membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia Camelback de Phoenix, Arizona.

■ *Michelle, sua carreira acadêmica desenvolve-se nas ciências políticas, algo incomum para um adventista. O que a atraiu para esse campo de estudos?*

Quando era adolescente, interessava-me por atualidades e governo. Eu planejava inicialmente tornar-me jornalista, mas uma disputa controversa pelo governo do meu Estado, o Texas, despertou-me o interesse por campanhas políticas. Quando chegou a hora de ir para a faculdade, descobri que havia somente duas escolas com curso de ciências políticas: o Pacific Union College, que oferecia o curso de ciências políticas e história, e a Universidade Andrews, que oferecia o curso de economia política. Escolhi a Universidade Andrews; mas só depois de concluir o primeiro ano como caloura na Universidade Adventista Southwestern.

Trabalhei durante um verão como estagiária, para o congressista Joe Barton (republicano do Texas) em Washington, D.C. Depois de me formar, passei a trabalhar para ele em tempo integral. Mas, ao mesmo tempo em que aproveitava a experiência como assessora parlamentar, sentia-me frustrada pela sensação de não poder entender completamente

o processo político-legislativo. Então decidi fazer pós-graduação em ciências políticas. Fui admitida na Universidade Texas A&M, onde obtive os graus de mestre e doutora. Houve, também, um tempo em que queria ser advogada, mas agora estou feliz por não ter ido para a Faculdade de Direito, porque, como cientista política, posso estudar como as instituições governamentais afetam e influenciam o processo político, e estudar o comportamento individual e as decisões políticas das pessoas.

■ *Você é agora uma docente na Universidade do Estado do Arizona. Que desafios uma jovem adventista encontra ao ensinar numa instituição pública?*

Um dos desafios como professora de uma grande universidade é tentar lembrar os nomes de todos meus alunos! Minha experiência como estudante aconteceu na Universidade Andrews, onde as classes eram pequenas e nossos professores nos chamavam pelo primeiro nome. Naquela época, eu não tinha idéia do efeito positivo que esse tipo de interação aluno - professor pode ter no desenvolvimento pessoal e acadêmico das pessoas. Também me lembro de que, em muitas aulas, meus professores costumavam orar antes das provas. Aqueles momentos marcaram-me muito. Embora não seja capaz de fazer isso por meus alunos, tento ligar-me a eles de outras formas, dando-lhes a oportunidade de realizar trabalhos em pequenos grupos, conhecendo-os pelo nome, encorajando-os sempre a parar um pouco a fim de refletir sobre seus esforços e preocupações.

Em geral, os desafios profissionais que uma jovem professora adventista enfrenta numa universidade pública não são diferentes daqueles que qualquer mulher faz face; eles vão desde preocu-

pações com promoções e exercício do cargo, até as coberturas do plano de saúde. Frequentemente, contudo, tenho de enfrentar decisões sobre a observância do sábado. Por exemplo, quanto às expectativas para que eu participe das cerimônias de graduação ou apresente trabalhos acadêmicos em conferências programadas para as horas do sábado.

■ *Além de ensinar, que outras oportunidades de carreira pode ter um jovem que se especializa em ciências políticas?*

A maioria dos especialistas em ciências políticas que conheço planeja fazer Direito. Também sou um deles! Mas, na realidade, a capacidade de análise crítica que se desenvolve num curso de ciências políticas é facilmente transferida para muitas outras carreiras. As mais óbvias estão relacionadas com governo, administração pública e política. O Departamento de Relações Exteriores é outro campo que atrai muitos deles. Há ainda outras opções; um dos meus alunos é pastor, vários estão trabalhando para administradores públicos locais (prefeituras, câmaras municipais e governadores) ou federais (membros do Congresso).

■ *Neste país há somente uma dúzia de adventistas com doutorado em ciências políticas. Por que você acha que esse campo não atraiu mais adventistas no passado? Acha que esse quadro está mudando?*

Tradicionalmente, a Igreja minimizou o valor da carreira pública e política sob o argumento de que isso nos desviava do compromisso espiritual e era uma violação da separação entre Igreja e Estado. Lembro-me de que, logo depois de me formar e conseguir meu primeiro emprego no Congresso, um amigo de minha família opinou que o Congresso dos Estados Unidos era um lugar muito pecador para uma jovem adventista trabalhar.

Recentemente li um artigo sobre o pioneiro adventista John N. Andrews, que dizia haver ele desistido da carreira política para se tornar o primeiro mis-

sionário. Não surpreende que somente uns poucos membros de nossa Igreja tenham entrado para a política. No entanto, a Igreja põe prioridade em se defender das ações do governo que ameacem o muro de separação entre Igreja e Estado. Para isso investimos muitos recursos na proteção da liberdade religiosa, contratando advogados para representar os interesses da Igreja e dos membros na observância do dia sábado. Mas penso que o jovem adventista está começando a compreender que não basta estar representado nos tribunais se temos a oportunidade de, em primeiro lugar, mudar as leis.

Em relação à questão de adventistas procurarem a carreira de ciências políticas vou arriscar um palpite. À medida que mais adventistas buscarem cursos superiores e aceitarem empregos não-denominacionais, não me surpreenderei se o número de cientistas políticos aumentar. Penso que isso represente uma mudança positiva, porque as universidades seculares oferecem um campo único para a missão de qualquer cristão.

■ *Além da docência, você tem trabalhado em pesquisa e publicação. Qual é sua principal área de pesquisa?*

Meu interesse é o estudo das instituições políticas, a tomada de decisões congressionais, os grupos de interesse e o papel do dinheiro na política. Algumas das minhas pesquisas foram publicadas nas revistas especializadas *The Journal of Politics*, *Electoral Studies* e *American Politics Research*.

■ *De que maneiras você pode realmente influir sobre o governo dos Estados Unidos da América?*

A melhor maneira é ajudar a treinar estudantes a se tornarem servidores públicos conscientes, que saibam como participar e influir no processo político decisório, visando a representar os melhores interesses do povo, e que respeitem as contribuições de uma cidadania rica e diversa.

■ *Como você mantém viva a fé enquanto trabalha num ambiente público?*

Uma de minhas passagens favoritas da Bíblia é Provérbios 3:5, 6: “Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-O em todos os teus caminhos, e Ele endireitará as tuas veredas.” Confio em Deus, mas é muito fácil uma pessoa ser excessivamente autoconfiante e assim tornar-se arrogante. Por exemplo, se sou bem avaliada por minhas pesquisas ou aulas, é fácil crer que é resultado de meu próprio trabalho e talento; da mesma forma, quando recebo avaliações ruins ou cartas de rejeição de um texto para publicação, é fácil crer isso aconteceu em razão de minhas pesquisas serem tolas. Por isso, aprendi a ser confiante e humilde. O que Deus planejou para mim é muito maior do que eu poderia imaginar. Algumas vezes, um insucesso, um retrocesso, é necessário, porque me fazem sentir muito mais calma a respeito de meu futuro e carreira. Manter viva a fé é uma responsabilidade pessoal, mas também ajuda ter amigos e familiares que me auxiliam e me encorajam.

Entrevista concedida a Jane Sabes

Jane Sabes (Ph.D. pela Universidade Auburn) dá aulas de ciências políticas na Universidade Andrews. Seu endereço: Berrien Springs, Michigan 49104; EUA.

E-mail de Michelle Chin: michelle.chin@asu.edu

Como temer a Deus sem ter medo

Ervin K. Thomsen

“Temei a Deus e dai-Lhe glória.”
(Apocalipse 14:7).¹

Quando Deus nos criou, Ele também implantou em nossa vida um sistema de alarme para nos proteger do perigo e da dor. Um dos principais sensores desse alarme é a emoção do medo, que serve como luz de advertência similar à do painel de um automóvel. Mas um inimigo sabotou esse sistema, para que muitos sejam incapazes de distinguir entre “bons medos” (medos saudáveis) de “maus medos” (medos doentios). Quando nosso sistema de alarme soa ininterruptamente, perdemos a capacidade de descartar os falsos alarmes. Satanás tira completa vantagem dessa disfunção, aprisionando-nos com distorções do senso de realidade, mediante muitos falsos temores que insere em nossa vida: ansiedade, nervosismo, maus presságios, preocupação, desânimo, assombro, temor, pânico e terror. Não é de estranhar que na Bíblia mais de 300 passagens nos roguem para não temer. Mas como podemos entender as ordens bíblicas de “temer a Deus” e de “não temer”? Eis aqui estão algumas perspectivas que podem solucionar esse paradoxo.

O temor a Deus é um bom temor

Considere estes textos escriturísticos:

- “Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o Meu temor no seu coração para que nunca se apartem de Mim. Alegrar-Me-ei por causa deles e lhes farei bem; plantá-los-ei firmemente nesta terra, de todo o Meu coração e de toda a Minha alma.” (Jeremias 32:40, 41).

- “Quem dera que eles tivessem tal coração, que Me temessem e guardassem em todo o tempo todos os Meus mandamentos, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos para sempre!” (Deuterônimo 5:29).

- “Busquei ao Senhor, e Ele me acolheu; livrou-me de todos os meus temores... Temei ao Senhor, vós os santos, pois nada falta aos que O temem... Vinde, filhos, e escutai-Me; Eu vos ensinarei o temor do Senhor.” (Salmos 34:4, 9, 11).

- No Monte Sinai, falando através de Moisés, Deus disse: “Não temais; Deus veio para vos provar e para que o Seu temor esteja diante de vós, a fim de que não pequeis.” (Êxodo 20:20).

Considere também os seguintes textos:

- “Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus.” (II Coríntios 7:1).

- “Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo.” (Hebreus 10:31).

- “E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens.” (II Coríntios 5:11).

Convivendo com um paradoxo

Você gostaria de conviver com um paradoxo, no qual duas declarações aparente e mutuamente excludentes ainda são verdadeiras? Mike Yaconelli, fundador do ministério cristão *Youth Specialties*, entendeu algo sobre tal paradoxo quando escreveu o seguinte sobre os dois lados do medo:

“A tragédia da fé moderna é que já não somos capazes de ficar aterrados.

Não tememos a Deus, não tememos a Jesus, não tememos ao Espírito Santo. Como resultado, acabamos com um evangelho ameno voltado para atrair milhares..., mas que não transforma a ninguém... Gostaria de sugerir que a igreja se tornasse novamente um lugar de terror; um lugar onde Deus continuamente nos dissesse: ‘Não temas’; um lugar onde nosso relacionamento com Ele não fosse uma simples crença doutrinária ou teológica, mas a consumidora presença divina em nossa vida. Estou sugerindo que o domesticado deus da relevância seja substituído pelo Deus cuja presença desfaça nosso ego em poeira, consuma nossos pecados em cinzas e nos desnude completamente, para revelar a verdadeira pessoa interior... A igreja precisa tornar-se um lugar gloriosamente perigoso, onde nada esteja seguro na presença divina, exceto nós. Nada – incluindo nossos planos, compromissos, prioridades, política, dinheiro, segurança, conforto, possessões ou necessidades... Nosso mundo está ansioso por ver pessoas cujo Deus seja grande, santo, atemorizante, gentil e protetor como o nosso; um Deus cujo amor nos amedronte e atraia a Seus fortes e poderosos braços, onde deseje sussurrar aquelas assustadoras palavras: ‘Eu te amo.’”²

O temor a Deus é parte integrante de Sua graça. John Newton, autor da música “Graça Excelsa” (H.A. 208), captou essa realidade quando escreveu: “A graça libertou-me assim e meu temor levou.”

O “temor de Deus” protege-nos do medo doentio

Ficar apreensivo após haver testemunhado um terrível acidente automobilístico é certamente uma reação esperada. Mas não é desígnio do Criador que vivamos em estado constante de preocupação e medo, como nossa reação primária contra o perigo. Mediante a graça, Deus quer reparar nosso alarme interno, de forma que, conforme as palavras de Oswald Chambers, saibamos que quando

“tememos a Deus, não tememos a mais nada e, ao mesmo tempo, se não temermos ao Senhor, temeremos tudo o mais.”³

Viver sob a cobertura da graça de Deus torna-nos possível discernir todos os alarmes falsos. Um deles é o temor acerca dos eventos finais, o tempo de tribulação (Marcos 13:19; Lucas 21:25). Se até este ponto você acreditava, talvez sem intenção, que o medo do tempo vindouro de provação fosse uma de suas armas essenciais contra os enganos dos últimos dias, então Satanás realmente o enganou. Se temermos algo ou alguém que não a Deus, fomos ludibriados. Deus é o único no Universo digno de temor.

O medo doentio acorrenta-nos, prende-nos, trava-nos e nos priva de seguirmos adiante, de crescermos e nos tornarmos o que Deus quer que sejamos. Quantas perdas causadas pelo medo ocorrem em nossa vida! Sem dúvida, pessoas duvidosas e temerosas são as mais propensas ao engano do que as pessoas que confiam, pois seu medo as controla.

Satanás usa medos doentios para perturbar a fé em Deus

Satanás está continuamente buscando oportunidades de tirar vantagem dos medos que sentimos. Em cada temor ele está tentando desviar nossos olhos do Pai Celestial, sugerindo que Ele não é suficientemente bom, capaz ou poderoso para lidar com nossas situações específicas. Então sugere que tomemos os problemas em nossas próprias mãos porque, a despeito de tudo, não podemos confiar em Deus, já que Ele não está fazendo um bom trabalho.

Quando não tememos a Deus, temos medo de tudo o mais. Entregando-nos a tais temores:

- Testificamos de que não cremos que Deus seja maior que nossas circunstâncias.
- Rejeitamos o fato de que Ele é maior que Satanás.
- Desistimos de crer que Jesus está sempre conosco.

- Damos a Satanás grande prazer.
- Desonramos a Deus com nossa falta de fé.
- Abandonamos a crença de que Jesus é suficiente para atender às nossas mais profundas necessidades.
- Vemos o mundo através dos olhos humanos.
- Abrimos a porta para os falsos deuses de nossa própria feitura.

John Ortberg descreve o medo doentio: “O medo sussurra aos nossos ouvidos que Deus não é grande o suficiente para cuidar de nós. Diz-nos que não estamos realmente seguros em Suas mãos. Faz-nos distorcer a forma como pensamos a Seu respeito... O medo criou mais hereges praticantes do que a má teologia, porque nos faz viver como se servíssemos a um Deus limitado, finito, parcialmente presente e semicompetente.”⁴

Quando nossos temores se tornam muito grandes para Deus lidar com eles, estabelecemos o fundamento para a idolatria, fazendo com que falsos deuses resolvam nossos problemas e inadequações, ao invés de retornarmos a Deus. Portanto, o saudável temor a Deus, como resposta ao Seu evangelho eterno, é um dos antídotos essenciais contra todos os enganos produzidos pelo inimigo nos últimos tempos.

O temor a Deus capacita-nos a um relacionamento íntimo, bem achegado, com nosso Criador. Ao louvá-Lo e adorá-Lo, descobriremos que Ele quer remover todos os nossos fardos, acalmar todos os nossos temores e dar-nos paz e descanso sem fim. “Porém eu, pela riqueza da Tua misericórdia, entrarei na Tua casa e me prostrarei diante do Teu santo templo, no Teu temor.” (Salmos 5:7).

Assim, da próxima vez que você temer, lembre-se do que disse o salmista: “Em me vindo o temor, hei de confiar em Ti... Em Deus ponho a minha confiança e nada temerei. Que me pode fazer o homem?” (Salmos 56:3, 11).

Ervin K. Thomsen (D.Min. pela Universidade Andrews) é autor de diversos artigos. Ele dirige atualmente o *Healing Stream Ministries*, <http://www.streamofhealing.org>.

REFERÊNCIAS

1. Todas as referências bíblicas são da Versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida, 2ª Edição.
2. Mike Yaconelli, <http://www.youthspecialties.com/articles/Yaconelli/fear.php>.
3. Oswald Chambers, *Run This Race: The Complete Works of Oswald Chambers* (Grand Rapids, Michigan: Discovery House Publishers, 2000). Devocional de 23 de agosto.
4. John Ortberg, *If You Want to Walk on Water, You've Got to Get Out of the Boat* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publ. House, 2001), p. 43.

Diálogo on-line

Agora você pode ler alguns dos melhores artigos e entrevistas das últimas edições de *Diálogo*.

Visite o nosso novo site:

<http://dialogue.adventist.org>.

PONTO DE VISTA

O Código da Vinci: fato ou ficção?

Maxine Bingham e Ron Bingham

O romance de Dan Brown, “O Código da Vinci”,¹ vendeu mais de 40 milhões de exemplares e foi produzido com muito sucesso no cinema.² A publicidade gerada por essa obra tem sido extraordinária. O Vaticano e o Arcebispo de Canterbury condenaram o romance,³ e o escritor Dan Brown foi, em vão, processado por crime de plágio pelos autores de obra de ficção semelhante, “O Santo Graal e a Linhagem Sagrada”.⁴ A atenção massiva da mídia resultante disso nos faz refletir sobre três questões: Qual é o apelo do livro? Por que a reação tão forte a ele? Por que deveríamos nos importar com ele?

Síntese do enredo

Para responder a essas questões, vejamos primeiramente o enredo do livro. Robert Langdon, um professor de “Simbologia”⁵ da Universidade de Harvard, é chamado pela polícia parisiense para resolver o estranho assassinato de Jacques Saunière, curador do Museu do Louvre. A ação se desenrola num período de 24 horas, iniciando-se com códigos misteriosos e símbolos escritos pelo homem assassinado. A narrativa focaliza, então, um homicida que pertence ao Opus Dei, movimento da Igreja Católica, que parece estar um passo adiante do herói Robert Langdon e da heroína Sophie Neveu, uma criptógrafa francesa, neta do curador assassinado. As aventuras de Robert e Sophie levam-nos a pedir o conselho do rico e misterioso Sir Leigh Teabing, um “especialista acadêmico” em história e relíquias cristãs, tais como o Santo Graal, pelo qual Teabing tinha total obsessão. Teabing revela aos perplexos

Robert e Sophie alguns “fatos históricos” que, segundo ele, se fossem levados a público, destruiriam a fé dos cristãos, pois negavam a divindade de Cristo e a exatidão e historicidade das Escrituras. Teabing declara que o Vaticano eliminou o “divino feminino” através de quase dois mil anos de conspiração, o qual se iniciou com o Imperador Constantino, no quarto século d.C., e prosseguiu até hoje com os papas e o Vaticano.

O principal segredo revelado por Teabing é que o verdadeiro Santo Graal⁶ não foi o copo ou cálice de Jesus na Última Ceia, mas, na realidade, Maria Madalena que, como esposa de Jesus e mãe de Sua filha Sara, foi progenitora da linhagem de Jesus, da qual descenderam os reis merovíngios da França, e a pessoa a quem Jesus, como homem mortal, delegou a liderança de Sua igreja. Algumas pistas que indicam que Maria Madalena era o Santo Graal, estão disfarçadas em “A Última Ceia” e outras pinturas de Leonardo da Vinci, o “grande mestre” do Priorado de Sião, conforme catalogado em *Les Dossiers Secrets*, da Biblioteca Nacional da França.

A novela chega a um final dramático quando se descobre que foi Teabing o mentor dos assassinatos, e que Sophie é descendente de Maria Madalena e Jesus, e personificava o “verdadeiro” Santo Graal. O enredo finaliza com Robert Langdon que, esclarecido pelas revelações, faz uma dramática reverência aos ossos de Maria Madalena, sepultados secretamente sob a pirâmide de vidro⁷ projetada por I. M. Pei, na entrada do Louvre.

Qual é o apelo desse fantástico conto?

Primeiro, a novela é dinâmica e repleta de mistérios, com pistas, códigos e palavras intrigantes, assim como heróis e vilões e uma donzela aflita (Sophie). Segundo, o livro é baseado em teorias de conspiração, em polêmicas contra autoridades religiosas especialmente contrárias à Igreja Católica Romana, que foi recentemente alvo de escândalos. Terceiro, a obra menciona pessoas e eventos reais, desde o Imperador Constantino e o Concílio de Nicéia, em 325 d.C., a pintura de Leonardo da Vinci, “A Última Ceia,” que supostamente representa Maria Madalena e não o discípulo amado João, como um dos 12 discípulos (nesse caso, onde está a 13ª pessoa?). Segundo Dan Brown, o Concílio de Nicéia “declarou oficialmente” a divindade de Jesus através de um “voto fechado”, numa disputa de poder patriarcal que determinou o cânon do Novo Testamento. Teabing afirma que até aquela época, os cristãos acreditavam que Jesus era um mero mortal e criam noutros evangelhos. Quarto, o livro atrai adeptos da Nova Era e algumas feministas que abandonaram o monoteísmo e formaram seu próprio paganismo romantizado, embasado numa religião e rituais do “divino feminino” e da “deusa”.

Por que os cristãos deveriam dar atenção a isso?

Não apenas os não-cristãos são enganados, mas até alguns cristãos são influenciados pela natureza pseudo-acadêmica do livro. Dan Brown esforçou-se para apresentar sua novela como baseada em centenas de fatos que foram escondidos pela Igreja. O prólogo, por exemplo, inicia-se assim:

“FATO:

O Priorado de Sião, uma sociedade secreta europeia fundada em 1099, é uma organização real.⁸ Em 1975, a Biblioteca Nacional de Paris⁹ descobriu pergaminhos conhecidos como *Les*

Dossiers Secrets, identificando numerosos membros do Priorado de Sião, incluindo Sir Isaac Newton, Sandro Botticelli, Victor Hugo e Leonardo da Vinci. O movimento do Vaticano conhecido como Opus Dei é uma devotada seita católica, que foi o centro de recentes controvérsias devido a relatos de lavagem cerebral, coerção e prática perigosa conhecida como ‘mortificação corporal’. A Opus Dei completou recentemente a construção de sua sede nacional, localizada na Avenida Lexington, 243, em Nova Iorque.¹⁰ *Todas as descrições de trabalhos de arte, arquitetura, documentos e rituais secretos nessa novela são corretas.*” [o itálico é nosso]

Foram essas alegações que causaram protestos de cristãos de todas as denominações, assim como de jornalistas¹¹ das principais mídias, e de respeitados teólogos e historiadores cristãos e seculares.¹²

Contestando as alegações de “O Código da Vinci”

Literalmente, todo fato ou personagem mencionado nesse romance é adulterado, produto da imaginação do autor ou baseado em novelas anteriores que o personagem de Brown, Teabing, salienta como “*best sellers* internacionais”, inclusive “A Revelação dos Templários,” *The Woman With the Alabaster Jar*, *The Goddess in the Gospels* e “O Santo Graal e a Linhagem Sagrada”.¹³

O outro lado de tudo isso é que organizações como a Opus Dei (um movimento católico, e não uma ramificação criminosa organizada do Vaticano, como descrita na novela),¹⁴ estão-se beneficiando da publicidade do livro para alcançar o público. Muitas igrejas estão oferecendo seminários e vários pastores estão discutindo as alegações do romance em seus sermões. Assim, o sucesso dessa novela e seu filme proporcionam oportunidade única para os cristãos aprenderem sobre as origens de nossa fé, e compartilharem os fundamentos de nossas crenças com audiência maior.

Foi o enfrentamento dessa confusão

sobre fato ou ficção e verdade ou erro entre nossos amigos, familiares e colegas de trabalho, que nos motivou a desenvolver uma série de seminários evangélicos intitulada “O Código da Vinci ou A Trapaça de Da Vinci: São os fatos mais singulares que a ficção?”¹⁵ Este artigo foi baseado em centenas de horas de pesquisa que gastamos para contestar mais de 500¹⁶ erros e distorções dessa novela, embora mencionemos aqui apenas alguns.

Acreditamos que os seguintes tópicos sejam interessantes: Historicidade das Escrituras, A Divindade de Cristo e Casou-se Jesus com Maria Madalena?

Historicidade das Escrituras e a divindade de Jesus

Dan Brown faz referência em “O Código da Vinci,” p. 231, que “oitenta outros evangelhos” foram omitidos em favor dos evangelhos “menos confiáveis” do Novo Testamento, como Mateus, Marcos, Lucas e João, que foram incluídos no cânon. Os eruditos modernos¹⁷ afirmam que o primeiro evangelho foi o de Marcos (65 d.C.), seguido de Mateus, Lucas/Atos (80-85 d.C.), e finalmente João (90 d.C.). Uma das primeiras listas dos 27 livros do Novo Testamento está contida numa carta de Atanásio de Alexandria, datada de 367 d.C..

Isso aconteceu depois do Concílio de Nicéia, em 325 que não foi realizado pelo Imperador Constantino para “endossar” o fato de que Jesus era divino, o qual tinha sido esclarecido tempos antes, mas para discutir se Ele era co-eterno com Deus ou um ser criado, como alegava Ário de Alexandria. Esse concílio pôs fim à apostasia ariana.

Embora Brown não utilize a expressão “Evangelhos Gnósticos”, entendemos que são a esses escritos que Teabing, seu “especialista” fictício, se refere como anteriores ao Novo Testamento, e que foram “implacavelmente eliminados” pelos líderes eclesiais. Escritos entre o segundo e quinto séculos, eles são contrafações antigas apresentadas como escritos por autores

do Novo Testamento.¹⁸

Curiosamente, o gnosticismo (do grego *gnosis*, ou conhecimento, no sentido de conhecimento especial), retrata Jesus não como um mortal, como Brown alega, mas como totalmente espiritual. Essa visão docética (do significado grego “aparência”) de Jesus significa que os gnósticos esperavam a salvação não de um Jesus plenamente divino e humano, mas de sua própria centelha divina no ser. Jesus veio apenas para comunicar o conhecimento de como sair do estado mortal, se tivermos essa centelha. Segundo eles, Sua morte na cruz foi irrelevante para a nossa salvação.

Um dos maiores “furos” do “O Código da Vinci” é a caracterização equivocada que Brown faz do evangelho gnóstico no que tange à natureza de Jesus, a fim de “provar” que Jesus era um simples mortal casado com Maria Madalena. Enquanto Brown tenta usar esses textos para sustentar sua alegação da humanidade de Jesus, em realidade os gnósticos rejeitaram a humanidade de Cristo em favor de uma natureza puramente divina!

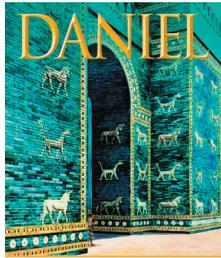
Evidências da crença na divindade de Cristo

Os indícios para crermos na divindade de Cristo podem ser encontrados em o Novo Testamento, nas referências extra-bíblicas, assim como em inscrições e artes nas catacumbas cristãs romanas.¹⁹

Além das muitas referências em o Novo Testamento, que o próprio Cristo e outros fazem sobre Sua divindade (incluindo a declaração de que “antes que Abraão existisse, EU SOU”, em João 8:58), para uma pessoa da antiguidade que teve uma morte hedionda, existe um número impressionante de referências extra-bíblicas a Ele. Dentre elas estão as citações do historiador judeu Josefo (37-100 d.C.) sobre Jesus e seu irmão Tiago,²⁰ assim como menções críticas a Cristo no Talmude de Babilônia,²¹ e outras referências a Jesus e

Continua na p. 29

LIVROS



A READER'S GUIDE
WILLIAM H. SHEA

Daniel: A Reader's Guide,
de William H. Shea (Nampa, Idaho:
Pacific Press Publ. Assn., 2005; 287 pp.,
brochura).

Resenha de Humberto R. Treiyer

William H. Shea é conhecido internacionalmente como médico-missionário, professor de Estudos do Oriente Médio, pesquisador e autor de vários livros e artigos acadêmicos. Ele é formado pelas Universidades de Loma Linda e de Harvard.

Como o título deste livro sugere – “Daniel: Um Guia do Leitor” –, Shea não pretendeu escrever uma obra erudita, mas um guia para o leitor não versado no tema. Não obstante, há pinceladas acadêmicas em praticamente cada página do livro, tornando a leitura cativante para o teólogo e de alto valor para o leitor em geral.

Após o Prefácio e a Introdução, seguem-se 13 capítulos: 1) Interpretação Histórica; 2) Exilado (Daniel 1); 3) Reis Caídos (Daniel 4, 5); 4) Perseguição Real (Daniel 3, 6); 5) Reinos Caídos (Daniel 2, 7); 6) Interpretação Profética; 7) Cristo como Sacrifício (Daniel 9); 8) Cristo como Sacerdote (Daniel 9); 9) Cristo como Rei (Daniel 9 e 7); 10) Resumo de Daniel 7-9; 11) A Mensagem Final, Parte 1 (Daniel 10 a 12); 12) A Mensagem Final, Parte 2 (Daniel 10 a 12); e 13) O Andar de Daniel com Deus.

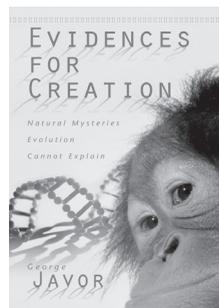
O autor não desenvolve seu estudo na seqüência usual de capítulos, mas de maneira temática por causa de sua crença de que é “mais significativo se ela for abordada nesta ordem” (p. 9). Duas questões fundamentais formam a base da organização do primeiro capítulo: (1) “Deus interage com a história do homem, ou Ele Se afastou para outro lugar de Seu universo, deixando a Terra seguir seu próprio curso?” (2). “A que período da história o livro de Daniel está-se referindo?” (p. 17). Finalmente, Shea chega a uma das conclusões mais importantes de todo o livro: “Se a exatidão histórica do livro pode ser impugnada, suas profecias não precisam ser tomadas seriamente... Se pudermos demonstrar que os períodos históricos apresentados por Daniel são corretos e fidedignos, então podemos levar a sério o que ele diz sobre as profecias.” (p. 21).

A maior parte do livro supera as expectativas em termos de organização e exposições. A análise de Daniel 1:1 até 11:20 é apresentada de maneira profunda, segura e com

autoridade. O leitor, porém, percebe uma mudança marcante quando o livro se refere ao texto de Daniel 11:21-45 (especialmente as páginas 248-268), onde o autor honestamente admite que: “Embora estes versos contenham uma vasta quantidade de detalhes históricos, a explanação é sempre problemática... Os detalhes e as dificuldades de interpretação aumentam na segunda sessão do capítulo 11.” (pp. 250, 251). E novamente: “Daniel 11:40-45 é a passagem mais difícil de interpretar... É difícil ser preciso sobre a interpretação de Daniel 11:23-30... Existem no mínimo cinco diferentes e possíveis interpretações.” (p. 254).

Apesar dessas dificuldades e variadas interpretações da segunda parte de Daniel capítulo 11 – já sugeridas por mim noutras ocasiões – o autor fez um trabalho louvável ao tornar atual o livro de Daniel e relevante a sua mensagem para o povo de Deus, especialmente ao nos aproximarmos do final dos tempos, conforme predito pela profecia. Este livro é recomendado a todo leitor interessado em compreender as extraordinárias profecias de Daniel.

Humberto R. Treiyer (Ph.D. pelo Seminário Batista Teológico Southern) é teólogo, professor e autor de livros. Ele já trabalhou em vários países. Atualmente reside na Argentina. Seu e-mail: humbertotreiyer@ismartin.com.ar



Evidences for Creation,
George Javor (Hagerstown, Maryland:
Review and Herald Publ. Assn., 2005;
141 pp.; brochura).

Resenha de Raúl Esperante

Essa obra trata de uma questão muito debatida entre os defensores do evolucionismo e os advogados do criacionismo: a evolução química explica ou não a origem da vida e as informações biológicas? O autor é professor na Escola de Medicina da Universidade de Loma Linda, também especialista em bioquímica, e por vários anos tem ministrado

palestras sobre as falhas da teoria evolucionista em explicar a origem da vida e a evolução química.

Os evolucionistas argumentam que as reações químicas nos oceanos primitivos ou na atmosfera originaram as primeiras moléculas orgânicas, as quais se organizaram com êxito em moléculas mais complexas e, posteriormente, em células e estruturas mais desenvolvidas. Assim, em condições ambientais e químicas apropriadas, a vida teria se originado espontaneamente mediante forças aleatórias e leis da natureza. O principal objetivo do livro é expor o fato de que os evolucionistas não foram capazes de demonstrar que a vida se originou na Terra, ou em outros planetas, através de processos abióticos.

A obra se divide em três partes. A primeira aborda a busca de vida ou de compostos orgânicos em outros planetas (Vênus e Marte), e sua implicação na origem da vida terrestre. Visto que a possibilidade da vida primitiva em outros planetas se enquadra bem nos modelos evolutivos, os cientistas têm realizado imensos esforços para demonstrar que a origem da vida é possível através de processos aleatórios. O Dr. Javor documenta por que essa busca tem sido infrutífera, e descreve como a comunidade evolucionista ignora o crescente volume de evidências científicas, indicativas de que a atmosfera primitiva da Terra era imprópria para a origem química da vida.

A segunda e a terceira partes tratam da complexidade das informações biológicas armazenadas nas células, e os modelos que tentam explicar a origem dessa complexidade. O autor afirma que uma origem abiótica no oceano primitivo e uma evolução subsequente por mutação fortuita não produziria o mecanismo bioquímico extremamente complexo das células. Através de exemplos extraídos do Projeto Genoma Humano e de seus próprios estudos sobre bactérias, Javor chega à conclusão de que, sob nenhuma condição, é possível ter células vivas emergindo por si mesmas a partir de qualquer tipo de ambiente. Para ele, a única explicação viável para a origem e funcionamento das informações biológicas é a de um *Designer* criador desse mecanismo.

Sendo esse livro uma coleção de ensaios, pode ocorrer a repetição de algumas idéias e exemplos, mas isso não deve incomodar o leitor. Entretanto, uma revisão editorial adicional poderia ter reduzido a redundância de alguns temas, e melhorado a organização do material. Os professores e estudantes universitários se beneficiarão da leitura dessa obra não-técnica.

Raúl Esperante (Ph. D. Universidade de Loma Linda) é diretor-associado do Instituto de Geociência em Loma Linda, Califórnia. Seu e-mail é: resperante@llu.edu



Origin by Design,
De Harold G. Coffin, Robert H. Brown
e R. James Gibson, edição revisada
(Hagerstown, Maryland: Review and
Herald Publ. Assn.; 2005; 464 pp.,
encadernado).

Resenha de Henry Zuill

Origin by Design, edição revisada de 2005, mostra uma obra clássica, agora mais fortalecida. Publicada primeiramente em 1969 sob o título *Creation: Accident or Design?*, foi atualizada em 1983 como *Origin by Design*, e agora revisada sob o mesmo título. Todos os autores estiveram ou estão ligados ao Instituto de Geociência.

Por muitos anos, coordenei um curso sobre as origens da vida, utilizando a edição de 1983 como livro-texto. Entretanto, novas e interessantes descobertas não foram obviamente discutidas nas edições de 1969 e 1983. Recomendou-se então uma revisão. Na última edição, pelo menos 42% das citações são novas.

Fiquei feliz em observar duas dessas citações: de Art Chadwick e de Clyde Webster. A primeira trata das paleocorrentes e a segunda apresenta impressões digitais químicas nos depósitos vulcânicos do Yellowstone, próximos à floresta fóssil no Specimen Creek. Ambas as descobertas sugerem, de forma contundente, processos geológicos rápidos, o que em si têm grandes implicações que o espaço aqui não nos permite apresentar em detalhes (ver pp. 101 e 240).

Dividido em cinco seções, *Origin by Design* apresenta primeiramente a criação bíblica e a narrativa diluviana sob a perspectiva escriturística da idade da Terra. As próximas três seções focalizam a geologia e a paleontologia, tendo em vista o livro de Gênesis e considerando também a idade da Terra, mas sob perspectiva geológica. A última parte, “Mudança Biológica”, inclui capítulos sobre evidências de um desígnio ou propósito, assim como de mudanças e suas implicações nas plantas e animais desde a Criação. No total, são 33 capítulos reorganizados, mais glossário e índice. O glossário é de especial importância para leitores com pouca base geológica e biológica, mas interessados nos assuntos das origens.

Embora não seja de fácil leitura, principalmente para os não-iniciados na temática, *Origin by Design* é, porém, uma obra valiosa e importante para a compreensão do criacionismo. Estudantes universitários que crêem na Bíblia podem estar freqüentando cursos que desafiem a Criação. Sob tais circunstâncias, a fé tem valor preeminente e os detalhes discutidos em *Origin by Design* ajudarão a prover respostas específicas com apoio bíblico. O livro é uma excelente referência.

Um curso sobre origens que ministrei numa universidade cristã começava solicitando aos alunos que escrevessem sobre

suas crenças na Criação. Com frequência, eles asseveravam crer no criacionismo, mas algumas vezes não sabiam o porquê. Entendi que os alunos criam na Criação, mas não sabiam como enquadrá-la num esquema mais amplo. Conseqüentemente, *Origin by Design* terá, sem dúvida, um nicho entre os estudantes freqüentadores de ambientes acadêmicos cristãos.

Em todos os seus capítulos, o livro enfatiza uma criação recente. Muitas evidências procedem da geologia e da paleontologia, e são apresentadas de maneira equilibrada. Nem toda evidência é usada simplesmente porque apóia a hipótese de a Terra ser de feitura recente. Um exemplo disso é a suposta justaposição do fóssil humano e pegadas de dinossauro no leito do Rio Paluxy, no Texas. Sobre isso, o autor destaca (pp. 317, 318): “Gostaria de dizer que os rastros são puramente humanos, mas não posso utilizar informação enganosa que venha a se refletir de modo desfavorável na teoria criacionista.” Cuidado e prudência são vitais.

A palavra *designio*, que aparece no título, atualmente sugere algo que foi pouco abordado, design inteligente (DI). Quando o título *Origin by Design* foi primeiramente usado, em 1983, DI não era ainda essa expressão prestigiosa que é hoje, e *designio* tinha um enfoque menos específico. Hoje, *designio* evoca DI. Além disso, quando DI se liga às evidências de uma criação recente, encerram uma combinação poderosa. Conseqüentemente, gostaria de ter visto mais sobre DI nesse livro. Todavia, em geral, qualifico *Origin By Design* como de alto valor.

Henry Zuill (Ph.D. pela Universidade de Loma Linda) lecionou Biologia e conduziu pesquisas em ecologia por vários anos. Atualmente aposentado, reside em Norman, Arkansas, EUA. Seu e-mail: hzuill@hotmail.com

O Design...

Continuação da p. 7

consistente, essas proteínas seriam reconhecidas facilmente em suas posições alternativas, e a literatura estaria cheia de vias evolutivas plausíveis para o flagelo e outras máquinas biológicas. E manifestamente isso não acontece.

Os corifeus do ritual darwinista

De acordo com Dawkins e Coyne, “é risível a todos os que estejam familiarizados, mesmo com uma pequena parte dos dados publicados, a oposição à evolução. A evolução é um fato, tanto quanto as placas tectônicas ou o sistema solar heliocêntrico”. O chavão freqüentemente repetido, “a evolução é um fato”, tornou-se a senha ritual dos darwinistas ortodoxos. Em muitos contextos, “evolução” simplesmente significa “mudança”, e quem negaria a existência de mudanças no mundo natural? Existe, sem dúvida, grande volume de evidências de que a microevolução acontece. Todos concordam essencialmente que a evolução do bico dos tentilhões é um fato, ou que também é um fato a evolução da resistência bacteriana.

Por mais de 100 anos a ciência tem lutado poderosamente para explicar as origens de todas as coisas unicamente em termos do acaso, aliado às leis da natureza. A despeito desse enorme e constante esforço, os cenários evolutivos da origem da vida, da informação genética, do código genético e das estruturas irredutivelmente complexas, permanecem altamente especulativos e não manifestamente como fatos estabelecidos. Por distarem anos-luz de sua validação, é essa uma das principais razões pela qual grande parte do público permanece cética com relação à evolução ilimitada.

O crescente debate sobre o DI não se dá entre fato científico e fé religiosa. A colisão verdadeira é ideológica, na qual os cientistas estão procurando manter o domínio intelectual da cosmovisão humanista-atéista. O principal objetivo do movimento do DI é estabelecer o design como causa básica, juntamente

com o acaso e a lei natural, para assim avançar no entendimento de como se originaram as complexas estruturas biológicas e outras. Existem alvissareiros sinais de que uma nova geração, cética com relação aos *slogans* e cenários darwinistas, reconheça o DI como um programa logicamente consistente, racional e razoável.

John Walton (D.Sc. pela Universidade Sheffield; Ph.D. pela Universidade de St. Andrews) é professor de Química Reativa na Universidade de St. Andrews, Reino Unido. Seu e-mail: jcw@st-and.ac.uk

REFERÊNCIAS

1. Essa é uma citação feita de modo incorreto. O que Carroll disse, na verdade, é: “Às vezes creio em seis coisas impossíveis antes do desjejum.”
2. Phillip E. Johnson, *Darwin on Trial*, 2nd ed. (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1993).
3. O naturalismo filosófico é a idéia de que nada existe além do “mundo do espaço-tempo das entidades físicas que podemos investigar nas ciências naturais”. Ver M. J. Wilkins and J. P. Moreland em *Jesus Under Fire* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1995).
4. Michael Behe, *A Caixa Preta de Darwin* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997).
5. William A. Dembski, *The Design Revolution* (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 2004); *The Design Inference: Eliminating Chance Through Small Probabilities* (Cambridge: Cambridge University Press, 1998).
6. William A. Dembski, ed., *Uncommon Dissent: Intellectuals Who Find Darwinism Unconvincing* (Wilmington, Delaware: ISI Books, 2004).
7. The Discovery Institute, Center for Science and Culture, Seattle, <http://www.discovery.org/csc/> Ver também: *Dembski's Design Inference* website: <http://www.designinference.com/>.
8. Para um resumo, ver <http://www.bbc.co.uk/sn/tvradio/programmes/horizon/index.shtml>.
9. Peter W. Atkins, http://www.infidels.org/library/modern/peter_atkins/behe.html.
10. Richard Dawkins e “Jerry Coyne, One Side Can Be Wrong”. Ver: www.guardian.co.uk/life/feature/story/0,13026,1559743,00.html.
11. Stephen C. Meyer em *Science and Evidence for Design in Nature*, M. J. Behe, W. A. Dembski, e S. C. Meyer, eds. (São Francisco, Califórnia: Ignatius Press, 2000), p. 53.
12. Ver: <http://www.rsternberg.net/> para a própria narrativa do assunto feita por Sternberg.
13. Ver Dembski, *The Design Revolution*, ch. 24, p. 183 para discussão adicional desses pontos.
14. Ver referência 8.
15. Peter W. Atkins e J. de Paula, *Physical Chemistry for the Life Sciences* (Oxford University Press, 2006).
16. Ver referência 10.
17. Kenneth R. Miller, “The Flagellum Unspun” em *Debating Design: from Darwin to DNA*, ed. W. A. Dembski and M. Ruse, (Cambridge University Press: Nova Iorque, 2004). Ver também: K. R. Miller, <http://www.millerandlevine.com/km/evol/design2/article.html>.

O Código...

Continuação da p. 25

aos cristãos em cartas de vários romanos que criticavam o cristianismo, como a do Plínio, o Moço.²²

O símbolo inicial do cristianismo era o peixe. Peixe, em grego, é *ichthys*, um acróstico para “Jesus Cristo, o Salvador Filho de Deus” (*Jesous Christos Theou Yios Soter*²³). Os sepulcros das catacumbas romanas do primeiro ao quarto séculos demonstram através de inscrições e desenhos artísticos (Jonas, Daniel na cova dos leões, pães e peixes) comuns aos túmulos judaicos da época, que os cristãos romanos compartilhavam com os judeus o mesmo estilo de funeral que evidenciava a esperança na ressurreição. Para os cristãos, essa ressurreição viria através de Jesus para todo ser humano e demonstrava que “não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.” (Gálatas 3:28).

Jesus Se casou com Maria Madalena?

Ainda que seja difícil argumentar com base no silêncio, podemos certamente admitir que não haja nenhum registro de qualquer casamento de Jesus. Visto que o Novo Testamento registra serem casados alguns de Seus discípulos (Pedro, por exemplo²⁴), então se esperaria que um suposto casamento de Jesus também fosse mencionado. A genealogia era, e ainda é, uma questão muito importante para as leis e a religião no Oriente Médio. Tanto Mateus como Lucas dedicaram parte de seus textos à genealogia de Jesus.

Maria Madalena ou Miriam de Magdala (na Galiléia) é mencionada 14 vezes em o Novo Testamento, sempre pelo nome. Por ser chamada apenas “de Magdala”, e por sabermos que ela viajou com Jesus e apoiou Seu trabalho, Maria deve ter sido uma mulher solteira ou viúva com alguns recursos financeiros. Jesus a libertou de sete demônios e ela foi uma das poucas pessoas que permaneceram com Jesus até a cruz, e

uma das primeiras a ver Cristo ressuscitado. Possivelmente, pela graça de ser a primeira a ver Jesus ressuscitado, os primeiros pais da Igreja pensaram que ela deveria ser uma pessoa de grande virtude, e referiram-se a ela como o “apóstolo para os apóstolos”²⁵.

Maria Madalena não estava ligada à prostituição. Isso aconteceu a partir de um sermão feito pelo papa Gregório, no quinto século, que a identificou com outras Marias do Novo Testamento e outras mulheres que relacionamos como pecadoras arrependidas de uma vida de prostituição. Desde então, Maria Madalena tem sido apresentada na arte com um vaso de alabastro, que se originou da história de Mateus 26:7, Marcos 14:3 e Lucas 7:37. Isso é tudo o que sabemos sobre Miriam de Magdala, até que romances medievais retomaram sua história acrescida de detalhes por Dan Brown em “O Código da Vinci”.

Conclusão

Ainda que o livro de Dan Brown, “O Código da Vinci,” tenha obtido grande popularidade, suas alegações de fatos sobre as crenças cristãs primitivas são fáceis de refutar, mas isso requer conhecimento da história da igreja primitiva, assim como das culturas grega, romana e judaica. Essa novela e o filme nos dão a oportunidade de “responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós.” (I Pedro 3:15).

Ron Bingham e Maxine Bingham são pós-graduados, respectivamente em Física e estudos do Oriente Médio. Eles também lideram um ministério adventista, o Seminários Internacionais Agora, a fim de alcançar pessoas através de evidências da verdade bíblica. Este artigo está baseado num seminário que desenvolveram para expor os erros de *O Código da Vinci*. Eles podem ser contatados através do e-mail davincicon@agorapr.com

REFERÊNCIAS

1. Dan Brown, *O Código da Vinci* (Rio de Janeiro:

- Sextante, 2004).
2. Sony Pictures Corporation, lançado em maio de 2006.
3. *The Daily Mail online*, “Archbishop attacks the Da Vinci Code,” por Jo Knowsley, abril de 2006.
4. *Times Online*, “Da Vinci Code author wins battle against plagiarism claim,” por Philippe Naughton, 7 de abril de 2006; <http://www.timesonline.co.uk/article/0,200-2123521,00.html>.
5. “Simbologia” não existe como especialidade acadêmica na Universidade de Harvard.
6. Um romance medieval de cerca de 1200 d.C., *In Our Time: The Holy Grail*, de Melvyn Bragg, 15 de maio de 2003, BBC Radio 4, http://www.bbc.co.uk/radio4/history/inourtime/inourtime_20030515.shtml.
7. Para mais detalhes ver: http://www.greatbuildings.com/buildings/Pyramide_du_Louvre.html.
8. Uma conhecida fraude do século 20, perpetrada por Pierre Plantard; ver programa de TV “60 Minutos,” *The Priory of Sion: Is The “Secret Organization” Fact or Fiction?* Levado ao ar em 30 de abril de 2006. <http://www.cbsnews.com/stories/2006/04/27/60minutes/main1552009.shtml>.
9. A Biblioteca Nacional da França, mas qualquer um pode inserir documentos nela.
10. A única verdade no prólogo é que a Opus Dei possui realmente sua sede na cidade de Nova Iorque.
11. Por exemplo, Salon, “*The Da Vinci Crock*,” por Laura Miller, 29 de dezembro de 2004, http://dir.salon.com/story/books/feature/2004/12/29/da_vinci_code/index.html?pn=1.
12. Tais como: Bart D. Ehrman, *Truth and Fiction in The Da Vinci Code* (Oxford University Press, 2004) e Ben Witherington III, *The Gospel Code* (InterVarsity Press, 2004).
13. *O Código da Vinci*, p. 253.
14. *The Spectator* (UK), “Blessed are the spin doctors,” por Auston Ivereigh e “Opus Dei is so normal it’s scary,” por Mary Wakefield, volume de 6 de maio de 2006.
15. As primeiras séries aconteceram em maio de 2006, com o apoio da Igreja Adventista de Santa Cruz, na Califórnia, e Seminários Internacionais Agora, o ministério evangelístico dos autores. Contatar davincicon@agorapr.com, para mais detalhes sobre esses seminários que utilizamos para ampliar o alcance evangelístico das igrejas adventistas.
16. Ver James L. Garlow, *The Da Vinci Code Breaker: An Easy to Use Fact Checker* (Bethany House Publishers, 2006).
17. Ver, por exemplo, Bart Ehrman, *Introduction to the New Testament*, The Teaching Company, 2000 (www.teach12.com; 1-800-832-2412), no qual nos temos baseado, assim como outras fontes confiáveis.
18. Para fins deste artigo, baseamo-nos primeiramente em Bart Ehrman, *Lost Christianities: The Battles for Scripture and the Faiths We Never Knew* (Oxford University Press, 2003).
19. *The Catacombs of Rome*: <http://www.catacombe.roma.it/>.
20. Verbete da Wikipedia, http://en.wikipedia.org/wiki/Flavius_Josephus.
21. *Early Christian Writings*: <http://www.earlychristianwritings.com/talmud.html>.
22. *Probe Ministries*: <http://www.probe.org/content/view/18/771>.
23. <http://www.eureka4you.com/fish/fishsymbol.htm>.
24. Mateus 8:14.
25. No comentário sobre Cantares, 24-26, de Hipólito, um dos pais da Igreja (170-236).

PARA SUA INFORMAÇÃO

Filosofia adventista da música

A música é uma característica dominante de cada cultura. Não podemos fugir dela, porque seus variados ritmos e melodias nos acompanham aonde quer que vamos. Além disso, a linguagem musical tem experimentado considerável mudança nos últimos 40 anos. E nos círculos cristãos, o papel da música como parte da adoração também está evoluindo. Às vezes isso tem provocado debates e mesmo divisões nas congregações. Como crenças na Bíblia, que princípios deveriam instruir nossas decisões e guiar as escolhas musicais?

Durante o Concílio Anual da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em 2004, os líderes mundiais consideraram essa questão e aprovaram uma declaração oficial sobre música, que inclui diretrizes concernentes. O texto desse documento é aqui apresentado para benefício de nossos leitores.

Deus entreteceu a música no próprio enredo de Sua criação. Lemos que quando Ele criou todas as coisas, “as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus.” (Jó 38:7). O Livro do Apocalipse descreve o Céu como um lugar de louvor incessante, que ressoa hinos de adoração a Deus e ao Cordeiro (Apoc. 4:9-11; 5:9-13; 7:10-12; 12:10-12; 14:1-3; 15:2-4; 19:1-8).

Visto Deus ter criado os seres humanos à Sua imagem, partilhamos o amor e apreciação pela música com todos os seres criados. Na verdade, a música pode tocar-nos e comover-nos com um poder que vai além das palavras ou de qualquer outro tipo de comunicação.¹ Em sua forma mais pura e refinada, a música eleva nosso ser à presença de Deus, onde anjos e seres não-caídos O

adoram com cânticos.

Porém, o pecado lançou sua praga sobre a Criação. A imagem divina foi obliterada e quase extinta. Em todos os aspectos, este mundo e as dádivas de Deus nos chegam com uma mistura de bem e mal. A música não é moral nem espiritualmente neutra. Pode levar-nos à mais exaltada experiência humana, e também ser usada pelo príncipe do mal para nos degenerar e degradar, para suscitar luxúria, paixão, desesperança, ira e ódio.

A mensageira do Senhor, Ellen G. White, anima-nos continuamente a elevar nosso conceito com relação à música. Ela nos diz: “A música, quando não abusiva, é uma grande bênção; mas quando usada erroneamente, é uma terrível maldição.”² “Corretamente empregada, porém, é um dom precioso de Deus, destinado a erguer os pensamentos a coisas altas e nobres, a inspirar e elevar a alma.”³

Quanto ao poder do canto, ela escreve: “É um dos meios mais eficazes para impressionar o coração com as verdades espirituais. Quantas vezes, ao coração oprimido duramente e pronto a desesperar, vêm à memória algumas das palavras de Deus – as de um estribilho, há muito esquecido, de um hino da infância – e as tentações perdem o seu poder, a vida assume nova significação e novo propósito, e o ânimo e a alegria se comunicam a outras pessoas!... Como parte do culto, o canto é um ato de adoração tanto quanto a oração. Efetivamente, muitos hinos são orações... Ao guiar-nos nosso Redentor ao limiar do Infinito, resplandecente com a glória de Deus, podemos aprender o assunto dos louvores e ações de graças do coro celestial em redor do trono; e despertando-se o eco

do cântico dos anjos em nossos lares terrestres, os corações serão levados para mais perto dos cantores celestiais. A comunhão com o Céu começa na Terra. Aqui aprendemos a nota tônica de seu louvor.”⁴

Como adventistas do sétimo dia, cremos e pregamos que Jesus virá novamente, em breve. Na proclamação mundial da tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14:6-12, conclamamos a todas as pessoas a aceitarem o evangelho eterno para louvar a Deus o Criador, e a se prepararem para encontrar o Senhor. Convidamos todos a escolherem o bem e não o mal, a renunciarem à “impiedade e as paixões mundanas, [para que] vivamos no presente século, sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus.” (Tito 2:12, 13).

Cremos que o evangelho exerce impacto sobre todas as áreas da vida. Por conseguinte, sustentamos que, por causa do vasto potencial da música para o bem ou para o mal, não lhe podemos ser indiferentes. Embora reconhecendo que, em questão de música, o gosto varie grandemente de indivíduo para indivíduo, cremos que a Bíblia e os escritos de Ellen G. White sugerem princípios para orientar nossas escolhas.

A expressão “música sacra” é usada neste documento para se referir de modo geral à música religiosa. Designa a música que se centraliza em Deus, em temas bíblicos e cristãos.

Na maioria dos casos, é música composta visando à sua utilização em cultos, reuniões de evangelismo ou na devoção pessoal, e pode ser vocal e instrumental. No entanto, nem toda música considerada sacra ou religiosa pode ser aceitável a um adventista do sétimo dia. A música sacra não deve evocar associações seculares ou sugerir a conformação com normas de pensamento ou comportamento da sociedade em geral.

“Música secular” é uma música composta para ambientes alheios ao serviço

de culto ou de devoção pessoal, e diz respeito a assuntos comuns da vida e às emoções básicas do ser humano. Tem sua origem no homem e é uma reação do espírito humano à vida, ao amor e ao mundo em que Deus nos colocou. Pode elevar ou degradar moralmente o ser humano. Embora não se destine a louvar a Deus, pode ter um lugar autêntico na vida do cristão. Em sua escolha devem ser seguidos os princípios apresentados neste documento.

Princípios de orientação ao cristão

A música na qual o cristão se deleita deve caracterizar-se pelos seguintes princípios:

1. Toda música que se ouça, toque ou componha, quer seja sacra ou secular, deve glorificar a Deus. “Portanto, quer comais quer bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus.” (I Cor. 10:31.) Esse é o princípio bíblico fundamental. Tudo o que não atender a esse elevado padrão enfraquecerá nossa experiência com Ele.

2. Toda música que o cristão ouvir, tocar ou compor, quer seja sacra ou secular, deve ser a mais nobre e melhor. “Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai.” (Filip. 4:8.) Como seguidores de Jesus Cristo que esperam e anelam unir-se ao coro celestial, consideramos a vida na Terra como um preparo para a vida no Céu e uma antecipação dela.

Desses dois fundamentos – glorificar a Deus em todas as coisas e escolher o mais nobre e o melhor – dependem os demais princípios de escolha musical relacionados nos demais itens.

3. A música se caracteriza pela qualidade, equilíbrio, adequação e autenticidade. Ela favorece nossa sensibilidade espiritual, psicológica e social, como também nosso crescimento intelectual.

4. A música apela tanto ao intelecto quanto às emoções, afetando o corpo

de forma positiva. Seu impacto é integral.

5. A música revela criatividade e se fundamenta em melodia de qualidade. Quando harmônica, deve ser usada de forma interessante e artística, com ritmo que a complementa.⁵

6. A música vocal emprega versos que estimulam positivamente a capacidade intelectual, como também nossas emoções e força de vontade. Os bons versos são criativos, ricos em conteúdo e bem compostos. Focalizam-se no positivo e refletem valores morais; instruem e enaltecem e estão em harmonia com sólida teologia bíblica.

7. Os elementos musicais e literários operam juntos e harmoniosamente para influenciar o pensamento e o comportamento, em concordância com os valores bíblicos.

8. A música mantém judicioso equilíbrio dos elementos espirituais, intelectuais e emocionais.

9. Devemos reconhecer e aceitar a contribuição de culturas diferentes na adoração a Deus. As formas e instrumentos musicais variam grandemente na família mundial adventista do sétimo dia, e a música proveniente de uma cultura pode soar e parecer estranha a

outra.

Compor e interpretar música adventista requer a escolha do melhor e, sobretudo, deve aproximar-nos de nosso Criador e Senhor para glorificá-Lo. Aceitemos o convite para escolhermos uma música que seja coerente com nossa mensagem profética, e para fazermos composições musicais que apresentem perante o mundo o testemunho de um povo que aguarda o breve regresso de Cristo.

REFERÊNCIAS

1. “A [música] é um dos meios mais eficazes para impressionar o coração com as verdades espirituais.” (Ellen G. White. *Educação*. 9 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003, p. 168.)
2. Ellen G. White. *O Lar Adventista*. Vol. 1, 13 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003, p. 497. Ela também declara que no futuro “imediatamente antes da terminação da graça [...] haverá gritos com tambores, música e dança [...]”. O Espírito Santo nunca Se revela por tais métodos, em tal balbúrdia de ruído. Isto é uma invenção de Satanás para encobrir seus engenhosos métodos para anular o efeito da pura, sincera, elevadora, enobrecedora e santificante verdade para este tempo (Ellen G. White. Vol. 2, 4 ed. *Mensagens escolhidas*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000, p. 36.)
3. Ellen G. White. *Educação*. 9 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003, p. 167.
4. *Ibid.*, p. 168.
5. Reconhecemos que em algumas culturas a harmonia não é tão importante quanto em outras.



HÁ Há Há, isto que é vida! Sem aulas, sem livros,
sem estudos, sem provas, sem exames...
Impressão permitida por *The Lighter Side of Campus Life*.

VIDA NO CAMPUS

Como abordar uma testemunha de Jeová

Daniel Belvedere

Você já se encontrou com uma testemunha de Jeová? Se sim, de uma coisa pode ter certeza: Eles sabem em que acreditam e estão prontos a partilhá-lo com você pela persuasão, se possível, e por argumentos, se necessário. Eles estão absolutamente convencidos de que possuem a verdade. A única forma de se aproximar deles e dialogar acerca do que você, como adventista do sétimo dia, considera ser a verdade, é ter certeza daquilo em que crê. Você precisa conhecer a Bíblia muito bem para entender aquilo que crêem e constatar o quão distantes estão dos ensinamentos bíblicos, tentando ser o mais cordial possível. Discussões não conquistam amigos.

Este artigo trata de três áreas significativas nas quais as testemunhas de Jeová se apartam das claras doutrinas bíblicas, e sugere o que se deve saber sobre isso.

A divindade de Jesus Cristo

Uma doutrina que surge facilmente em qualquer conversa com as testemunhas de Jeová é sua compreensão da personalidade e natureza de Jesus Cristo. Por exemplo, eles citam Apocalipse 3:14 onde Jesus é referido como “o princípio da criação de Deus”,¹ para sustentar que Jesus não é Deus, mas sim o primeiro ser criado por Ele. Entretanto, a palavra “princípio”, no original grego, é *arché*, que em outras traduções é vertida como “o soberano da criação de Deus”² ou “causa primeira ou principal.”³ Isso, com certeza, combina com os ensinamentos do restante das Escrituras, onde Jesus é apresentado como Deus Criador (João 1:1-4; Colossenses 1:15-17). A

mesma palavra grega é usada por João em outra passagem do Apocalipse, onde Jesus declara, “Eu Sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio [*arché*] e o Fim” (Apocalipse 22:13). Uma vez que em Apocalipse 1:8 encontramos o mesmo qualificativo de eterno aplicado ao Senhor Deus; é claro que Jesus não é um ser criado, mas o próprio Senhor Deus, assim como Seu Pai (veja Apocalipse 22:16, 20; Isaías 44:6). João também declara a verdade bíblica de que apenas Deus deve ser adorado (Apocalipse 19:10; 22:8, 9). Os seus escritos sobre o fato de Jesus, o Cordeiro, ser adorado no Céu (Apocalipse 5:6-10) é prova suficiente de que o apóstolo se referia a Jesus como Deus.

É também útil revisar com as testemunhas de Jeová os ensinamentos das Escrituras a respeito da existência de Jesus antes, durante e depois de Sua ressurreição. Encontra-se no Velho Testamento a promessa de que o Senhor nasceria em Belém, e que Suas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade (Miquéias 5:2), e que o Menino que nasceria na Galiléia seria chamado “Deus Forte” (Isaías 9:6). Jesus Se referia a Si mesmo como “com a glória que Eu tive... antes que houvesse o mundo” (João 17:5). João, sob inspiração, declara que Jesus existia no princípio com Deus e era Deus (João 1:1, 2).

Durante Seu ministério terreno, Jesus era “Deus conosco” (Mateus 1:23). Como o “último Adão” (I Coríntios 15:45), “antes, a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-Se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana” (Filipenses 2:7; Colossenses 2:9), e “antes foi Ele tentado em todas

as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hebreus 4:15); “a Si mesmo Se humilhou tornando-Se obediente até à morte” (Filipenses 2:8), para realizar nossa salvação.

O Novo Testamento também ensina que, depois de Sua ascensão, Jesus retornou à posição que tinha antes de Sua encarnação; a qual é inerente à Sua natureza (Filipenses 2:9-11). Agora Ele está assentado à direita de Deus (Marcos 16:19) e intercede por nós (Hebreus 7:22-26). Sua autoridade como Deus permanece para sempre (Hebreus 1:6-8); Cristo “é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre” (Romanos 9:5).

Um Deus impessoal?

Conforme sugerido por sua denominação, as testemunhas de Jeová acreditam em um Deus impessoal. E apesar de não encontrarmos na Bíblia a palavra *Trindade*, uma leitura simples do Velho e do Novo Testamento mostra que Deus consiste em três Pessoas co-eternas: Pai, Filho e Espírito Santo. (Veja, por exemplo, Isaías 48:16; Mateus 3:16, 17; 28:19, 20; Marcos 1:10, 11; Lucas 3:22; Atos 20:28; II Coríntios 13:14; Gálatas 4:6; Efésios 2:18; I Pedro 1:2; Judas 20, 21).

O primeiro verso da Bíblia sugere a pluralidade da Divindade: “No princípio, criou [terceira pessoa, singular] Deus [*Elohim* = Deus, plural] os céus e a terra” (Gênesis 1:1). Alguns versos mais adiante, encontramos novamente o mesmo conceito: “Também disse Deus: [plural no original em hebraico] “Façamos [primeira pessoa, plural] o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.” (Gênesis 1:26).

A Bíblia também apresenta as três Pessoas envolvidas com a criação deste planeta e da vida: Deus (Êxodo 20:11; Isaías 45:18), o Filho (João 1:1-3; Colossenses 1:15-17; Hebreus 1:2), e o Espírito Santo (Gênesis 1:1, 2).

Faz algum tempo, visitei uma senhora que havia estudado com as testemunhas de Jeová. Ela os convidou para estarem presentes durante o meu estu-

do bíblico, com o propósito de esclarecer as muitas dúvidas que tinha. No começo de nosso diálogo, eu disse que Jesus havia prometido enviar o Espírito Santo para nos ensinar e lembrar de todos os ensinamentos que nos foram passados por Ele (João 14:26), e também nos guiar a toda a verdade (João 16:13). Então pedi a um deles que fizesse uma oração ao Pai (João 14:13, 14), em nome do Filho (João 16:24), para que nos fosse enviado o Espírito Santo (João 14:16), a fim de nos ajudar a compreender a Palavra de Deus. Eles se recusaram, dizendo: “Não podemos fazer isso porque não acreditamos na Trindade.”

Eu lhes disse que a Bíblia, que estava para ser aberta, foi inspirada pelo Espírito Santo (II Pedro 1:21; II Timóteo 3:16) e que nos ajudaria a compreender as verdades de Deus (I Coríntios 2:11). Depois de alguns momentos de tensão, nós oramos. A senhora, que estava inicialmente confusa, foi guiada pelo Espírito Santo para compreender a verdade de Deus, assim como é ensinada pelas Escrituras, e fez a sua decisão.

Previendo o tempo da segunda vinda de Cristo

As testemunhas de Jeová começaram seu movimento religioso sob a liderança de Charles T. Russell (1852-1916), um sincero presbiteriano leigo. Ele se tornou posteriormente um estudioso da Bíblia e aprendeu sobre diversas religiões orientais. Finalmente, ficou fascinado com a idéia do retorno iminente de Cristo à Terra e aceitou as previsões de Jonas Wendell sobre a vinda de Cristo em outubro de 1872. Ao falharemos essas previsões, ele começou a pregar dois anos depois que Jesus realmente veio em 1874, mas não de forma visível. Esse era o começo de uma série de previsões amplamente divulgadas, mas equivocadas, que Russell e seus seguidores fizeram através dos anos sobre a Segunda Vinda de Cristo, a Batalha Final, o Milênio e o começo do Reino de Deus. Mesmo em 1975,

eles previram que esse ano marcava o fim dos 6.000 anos desde o sétimo dia da criação, e que seria o começo do milênio de paz. Como resultado desses constantes desapontamentos e discussões internas, um terço dos membros abandonou o movimento que uma vez fora próspero. Ainda assim, vemos devotadas testemunhas de Jeová visitando casas, distribuindo publicações e compartilhando convicções.

Essas previsões falhas e os dolorosos desapontamentos não anulam a verdade da Segunda Vinda. Predições equivocadas não devem ser atribuídas às verdades bíblicas, mas às especulações humanas. Quando nos volvemos para as verdades bíblicas, podemos ter a certeza de três fatos muito importantes: Primeiro, Cristo prometeu que retornaria: “Eu voltarei.” (João 14:3). Os apóstolos e os primeiros cristãos consideravam Seu retorno “a bendita esperança” (Tito 2:13). Segundo, o retorno de Cristo será pessoal, visível e glorioso (Atos 1:11; Mateus 24:27; Apocalipse 1:7; I Tessalonicenses 4:16; Mateus 16:27). Terceiro, a data da segunda vinda de Cristo não pode ser prevista com precisão, mas devemos estar sempre preparados para ela (Mateus 24:42; 25:13; Atos 1:7).

Conclusão

Muitas décadas de encontros com os adeptos das testemunhas de Jeová convenceram-me de que eles são missionários entusiasmados e persistentes. Estão dispostos a sofrer rejeição e perseguição por suas convicções religiosas. São sinceros em sua maioria, mas não compreendem que muitas de suas doutrinas não estão baseadas na Bíblia.

Ao conversar com uma testemunha de Jeová, deixe claro que você está desejando revisar toda a sua crença na base dos específicos ensinamentos das Escrituras. Com certeza, isso irá exigir que conheça muito bem aquilo em que crê e que esteja preparado. (As referências listadas adiante poderão ajudá-lo no preparo) Faça um acordo para que ninguém seja interrompido durante o

diálogo, mas permita um tempo determinado para a apresentação da doutrina bíblica. A meta é levá-los a aceitar a graça da salvação e o discipulado de Jesus Cristo, que disse: “Eu Sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por Mim.” (João 14:6).

Ore pela guia do Espírito Santo quando for abrir a Bíblia. Seja respeitoso, mas firme. Anote os principais argumentos apresentados. Insista em que a evidência para cada ponto da doutrina seja provida pela infalível Palavra de Deus. Por isso foi o próprio Jesus quem pronunciou estas solenes palavras: “Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de Mim.” (João 5:39).

Daniel Belvedere (D.P.Th., Universidade Andrews) foi professor, evangelista e conferencista nas Américas e na Europa. Este artigo foi adaptado de seu livro “Escudriñando... para ver si esas cosas eran así” (Buenos Aires, Argentina: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2004). Seu e-mail é: dbelvedere3@yahoo.com.ar

Referências bíblicas

1. A referência bíblica é da Versão Revista e Atualizada por João Ferreira de Almeida, 2a Edição.
2. A referência bíblica é da Nova Versão Internacional da Sociedade Bíblica Internacional.
3. As referências bíblicas foram extraídas da “A Bíblia Viva”, Editora Mundo Cristão. Todas as outras referências são da Versão Revista e Atualizada por João Ferreira de Almeida, 2a Edição.

Para leitura complementar

William e Joan Ceter, “An Inside View of the Watchtower Society,” em *We Left Jehovah's Witnesses: Personal Testimonies* (Grand Rapids, Michigan, U.S.A.: Baker Book House, 1976).

Antolin Diestre Gil, *Manual de controversia sobre historia, doctrinas y errores de los Testigos de Jehová* (Tarrasa, Barcelona, Espanha: Editorial Clie, 1993).

Eugenio Dayans, *Proceso a la Biblia de los testigos de Jehová* (Barcelona, Espanha: Editorial Clie, 1971).

E. B. Price, *La torre di Guardia: Canale della Verità di Dio?* (Florence: Itália: Edizioni Adv., 1983).

William K. Schnell, *Esclavo por treinta años en la Torre del Vigía* (Grand Rapids, Michigan, EUA: Baker Book House, 1959).

PRIMEIRA PESSOA

Milagres acontecem através das orações

Caroline V. Katemba Tobing

Você acredita na oração? Já teve a alegria de ter suas orações atendidas?

A Bíblia fala muito sobre oração. De fato, seu conceito de vida é de confiar no Criador, de conversar com Ele e esperar por Suas respostas, de depender das Suas promessas e andar na certeza de que Ele as cumprirá. Uma vida sem oração é uma existência de instabilidade. Diz o apóstolo: “Peça-a, porém, com fé, não duvidando; pois aquele que duvida é semelhante a onda do mar, que é sublevada e agitada pelo vento.” (Tiago 1:6).

Segunda-feira, 8 de maio de 2000. Meu marido Joshua e eu estávamos entre os 65 estudantes qualificados para realizar a Prova de Admissão Doutoral em Educação na Universidade das Filipinas. Sentamos à espera de um funcionário que viria dar-nos instruções sobre a prova. Justamente antes de recebermos os papéis da prova, o funcionário mostrou-nos a realidade que nos esperava. “Olhem ao seu redor”, ele disse. “Aqui temos 65 pessoas, mas somente 21 serão aprovadas. Assim, vejam que entre vocês apenas alguns serão aceitos!” Um gemido de desesperança pôde ser ouvido ao redor. Joshua olhou-me e tudo o que disse foi: “Line, ore. Apenas ore!”

Ambos curvamos nossas frentes e oramos em silêncio. Esse não era o momento de nos desesperarmos. Era tempo de apegar-nos às promessas de Deus, “Pelo que eu vos digo: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á” (Lucas 11:9). Orei em meu coração com tal certeza, como se estivesse falando pessoalmente com Deus: “Meu Deus, estou pedindo e batendo em Sua porta. Por favor, abre-

a para nós. Imploramos que nos conceda Tua misericórdia.”

Jesus não prometeu: “Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu a farei”? (João 14:14). Então pedi conhecimento e sabedoria para que fôssemos capazes de fazer uma boa prova. Pedi que Deus segurasse minha mão e a guiasse para escrever as respostas corretas. Sim, e Ele esteve lá nos ajudando. Quando o resultado foi anunciado, 16 dos 65 candidatos passaram na prova. Dois deles éramos nós.

Então veio a matrícula. Fiquei chocada ao ver que as matérias mais importantes foram marcadas para os sábados. Conversei com o secretário acadêmico para ver sobre a possibilidade de fazer as matérias no segundo semestre, em dias de semana. “Não”, foi sua resposta. Por 10 anos esses cursos têm sido oferecidos aos sábados, e por ser uma tradição, era impossível mudar. Implorei-lhe, mas quanto mais suplicava, mais firme era sua negativa. “Não me será possível estudar nesta universidade”, disse eu tristemente. E chorando sai do seu escritório.

Joshua encontrou uma maneira melhor “Não se preocupe”, disse. “Através da oração, vamos deixar que o Senhor tome conta deste problema.” Depois de muita oração, redigi uma petição formal à universidade e aos professores dessas matérias. Quando o horário do segundo semestre foi publicado, fiquei muito feliz em ver que uma professora tinha mudado suas aulas do sábado para os dias de semana. Em classe ela disse, “Carol, a outra professora (a Dra. A) não quer mudar suas aulas para os dias da semana; então não sei o que você fará.” Bem, um passo de cada vez, pensei. Vamos orar outra vez. Não

há nenhuma montanha que a oração, com fé no Deus vivo, não possa mover.

Alguns dias mais tarde, uma amiga me disse que ela quase perdeu as aulas da Dra. A. Fiquei surpresa. “Mas hoje não é sábado, e a Dra. A só dá aulas aos sábados.” “Eu não sei o que aconteceu”, minha amiga disse. “No último momento, a Dra. A. mudou suas aulas de sábado para um dia de semana.” Naturalmente eu sabia o que tinha acontecido. Meu Senhor deve-lhe ter falado sobre minha necessidade. Não é a oração a ferramenta mais poderosa nas mãos do cristão?

Como estudantes estrangeiros, fomos exigido que pagássemos o que a universidade chamava de Fundo para Desenvolvimento da Educação, no valor de 500 dólares por estudante. Isso significava 1.000 dólares no total, quantia que estava além de nossas possibilidades. Imagine nosso desânimo quando nos disseram que essa era uma taxa obrigatória no começo de cada semestre (sete a oito semestres no total!). Outra vez oramos e escrevemos uma carta pedindo isenção da taxa. Nossa petição se apoiava pela fé no Senhor que prometeu: “E mesmo agora sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus te concederá.” (João 11:22). “Por isso vos digo que tudo o que pedirdes em oração, crede que o recebe-reis, e tê-lo-eis.” (Marcos 11:24). Uma fé viva faz com que as montanhas das adversidades desapareçam, ou pelo menos as torna suficientemente fáceis de encarar. Um dia depois que fizemos nossa petição, a universidade concedeu-nos a isenção por todos os semestres, até nos graduarmos.

Algumas semanas após nossa matrícula, percebemos que cada um de nós precisava de um computador para realizar pesquisas. A política de nosso patrocinador permitia um só computador para ambos, mas isso parecia impróprio para atender às nossas necessidades. Elaboramos um plano experimental: Eu usaria o computador das 18h até as 0h30 do dia seguinte,

e Joshua o utilizava até às 6h. Isto aconteceu por uns três meses. Mas percebemos que esses horários não funcionavam bem. Comprometiam nossa saúde. Então o único meio que conhecíamos era levar nossa dificuldade ao Grande Solucionador de Problemas. Em Mateus 21:22 não está escrito: “E tudo o que pedirdes na oração, crendo, recebereis.”

Joshua então enviou um e-mail a seus amigos. Um velho amigo que ele não via desde os dias da faculdade, em 1985, respondeu no dia seguinte dizendo: “Um computador portátil está a caminho. Um amigo que viaja para as Filipinas o está levando, e você o receberá dentro de três dias.”

Uma lição importante que aprendi ao estudar numa universidade pública é que não podemos traçar nosso caminho sem dependência absoluta de Deus. Sem oração, somos cortados da fonte central de força e armazenamento de poder. Minha experiência ensinou-me que esse Deus sempre está presente para levantar-me quando estou por baixo. Ele sempre depara um meio de escape ao me ver embaraçada com problemas. Através de muitos milagres, meu marido e eu fomos capazes de completar nossos programas doutorais. Nossa vida e ministério são um testemunho vivo do poder da oração e da fé no Deus vivo que nunca falha.

Caroline V. Katemba Tobing (Ph.D. pela Universidade do Filipinas, Campus Universitá-rio Diliman) é presidenta do Departamento de Línguas da Universidade Adventista da Indonésia, em Bandung, Indonésia. Seu e-mail: Ctobing@unai.edu

* Os textos bíblicos utilizados neste artigo são procedentes da Versão Revista e Atualizada por João Ferreira de Almeida, 2ª Edição.

Os Críticos...

Continuação da p. 16

Michael G. Hasel (Ph.D. pela Universidade do Arizona) leciona Estudos sobre o Oriente Médio e Arqueologia na Universidade Adventista Southern, onde é também diretor do Instituto de Arqueologia e curador do Lynn H. Wood Archaeological Museum. Em 2005, ele recebeu o prêmio Senior Fulbright Scholar no Cyprus American Archaeological Research Institute, em Nicósia, Chipre. Seu email: mhasel@southern.edu

REFERÊNCIAS

1. Acerca do surgimento da arqueologia no Egito, relacionada com a descoberta da Pedra de Roseta durante a campanha de Napoleão, veja Neil Asher Silberman, *Digging for God and Country: Exploration in the Holy Land, 1799-1917* (Nova Iorque: Doubleday, 1982), p. 13; William H. Stiebing, Jr., *Uncovering the Past: A History of Archaeology* (Nova Iorque: Oxford University Press, 1993), p. 57.
2. Para críticas ao pós-modernismo, veja Allen Bloom, *The Closing of the American Mind* (Nova Iorque: Touchstone, 1987); Keith Windschuttle, *The Killing of History: How Literary Critics and Social Theorists are Murdering Our Past* (Nova Iorque: Free Press, 1997); Terry Eagleton, *The Illusions of Postmodernism* (Oxford: Blackwell, 1997).
3. Os Guinness, *Fit Bodies, Fat Minds* (Londres: Hodder & Stoughton, 1994), p. 104.
4. Alister McGrath, *A Passion for Truth: The Intellectual Coherence of Evangelicalism* (Downers Grove, Illinois: InterVarsity, 1996), p. 188.
5. Niels-Peter Lemche, “Early Israel Revisited,” *Currents in Research 4* (1996), pp. 27, 28.
6. Hans M. Barstad, “History and the Hebrew Bible,” em *Can a “History of Israel” Be Written?*, editado por Lester L. Grabbe, JSOT Sup 245 (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997), p. 64.
7. Jeffrey L. Sheler, “The Fight for History,” *U.S. News and World Report* 131/26 (Dezembro 24, 2001), pp. 38-45.
8. Israel Finkelstein and Neil Asher Silberman, *The Bible Unearthed: Archaeology’s New Vision of Ancient Israel and the Origin of Its Sacred Texts* (Nova Iorque: Simon and Schuster, 2001), p. 1.
9. As abordagens pós-modernas à Bíblia foram criticadas por William G. Dever, *What Did the Biblical Writers Know and When Did They Know It? What Archaeology Can Tell Us about the Reality of Ancient Israel* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 2001).
10. Jeffrey L. Sheler, *Is the Bible True? How Modern Debates and Discoveries Affirm the Essence of the Scriptures* (San Francisco: Harper San Francisco, 1999).
11. William G. Dever, *What Did the Biblical Writers Know*, p. 3.
12. Philip Davies, “In Search of ‘Ancient’ Israel,” *Journal for the Study of the Old Testament*, Supplement 148 (Sheffield: JSOT Press, 1992), p. 67.
13. *Ibidem*, p. 60.
14. Sobre essa avaliação, ver James K. Hoffmeier, *Israel in Egypt* (Nova Iorque: Oxford University Press, 1997), pp. 10-17.
15. Aren Maier, “An Iron Age IIA Proto-Canaanite, Philistine Inscription and Other New Finds From Tell es-Safi-Gath.” Artigo apresentado no encontro anual da *American Schools of Oriental Research*, Filadélfia, Pensilvânia, 18 de novembro de 2005.
16. Para essa discussão em geral, veja Gary N. Knoppers, “The Vanishing Solomon: The Disappearance of the United Monarchy From Recent Histories of Israel,” *Journal of Biblical Literature* 116 (1997), pp. 19-44; veja também Dever, *What Did the Biblical Writers Know?*
17. Dever, “Further Evidence on the Date of the Outer Wall at Gezer,” *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 289 (1993), pp. 33-54; Randall W. Younker, “A Preliminary Report of the 1990 Season at Tel Gezer,” *Andrews University Seminary Studies*, 29 (1991), pp.19-60.
18. Amnon Ben-Tor, “Excavating Hazor: Solomon’s City Rises From the Ashes,” *Biblical Archaeology Review* 25/2 (1999), pp. 26-37.
19. Niels Peter Lemche, *The Canaanites and Their Land* (Sheffield: Sheffield Academic, 1991), p. 39.
20. *Idem*, p. 152.
21. Nadav Naaman, “The Canaanites and Their Land: A Rejoinder,” *Ugarit-Forschungen* 26 (1994), pp. 397-418; “Four Notes on the Size of the Land of Canaan,” *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 313 (1999), pp. 31-37; Anson F. Rainey, “Who is a Canaanite? A Review of the Textual Evidence,” *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 304, pp. 1-15.
22. Lemche, *The Canaanites*, 152.
23. Michael G. Hasel, *Domination and Resistance: Egyptian Military Activity in the Southern Levant, 1300-1185 BC*. Probleme der Ägyptologie 11 (Leiden: Brill, 1998); *The Name Equation: Mediterranean Peoples, Places, and Politics in the Egyptian New Kingdom, em preparo*.
24. Thomas L. Thompson, *Early History of the Israelite People from the Written and Archaeological Sources*. Studies in the History of the Ancient Near East 4 (Leiden: Brill 1992), p. 140.
25. *Idem*, p. 271.
26. James Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, 3rd. ed. (Princeton: Princeton University Press), p. 262.
27. Para uma discussão mais ampla, veja Trude Dothan, *The Philistines and Their Material Culture* (New Haven: Yale University, 1982); Trude Dothan and Moshe Dothan, *People of the Sea: The Search for the Philistines* (Nova York: Macmillan, 1992).
28. Para referências mais detalhadas, veja Hasel, “New Discoveries Among the Philistines: Archaeological and Textual Considerations,” *Journal of the Adventist Theological Society* 9/1-2 (1998), pp. 57-70.



Rede de
Profissionais
Adventistas

Convite!



Boas notícias! O crescimento rápido da Igreja Adventista do Sétimo Dia criou uma demanda de profissionais qualificados, dispostos a apoiar a missão mundial com seus talentos e educação.

Respondendo a esta necessidade, a Associação Geral lançou a Rede de Profissionais Adventistas (RPA), um registro global eletrônico de adventistas que possuem título ou diploma pós-secundário em qualquer campo acadêmico ou profissional.

ARPA ajuda as instituições e agências participantes a localizarem candidatos para postos no ensino, administração, área da saúde e pesquisa, assim como consultores especializados e voluntários para tarefas missionárias breves. A RPA também ajuda os adventistas de todo o mundo a se conectarem com sua respectiva associação profissional.

Forneça (sem custo) sua informação profissional ao web site da RPA:

<http://apn.adventist.org>

Estimule outros profissionais adventistas a se registrarem!

Para outras perguntas sobre a RPA, contate-nos em apn@gc.adventist.org